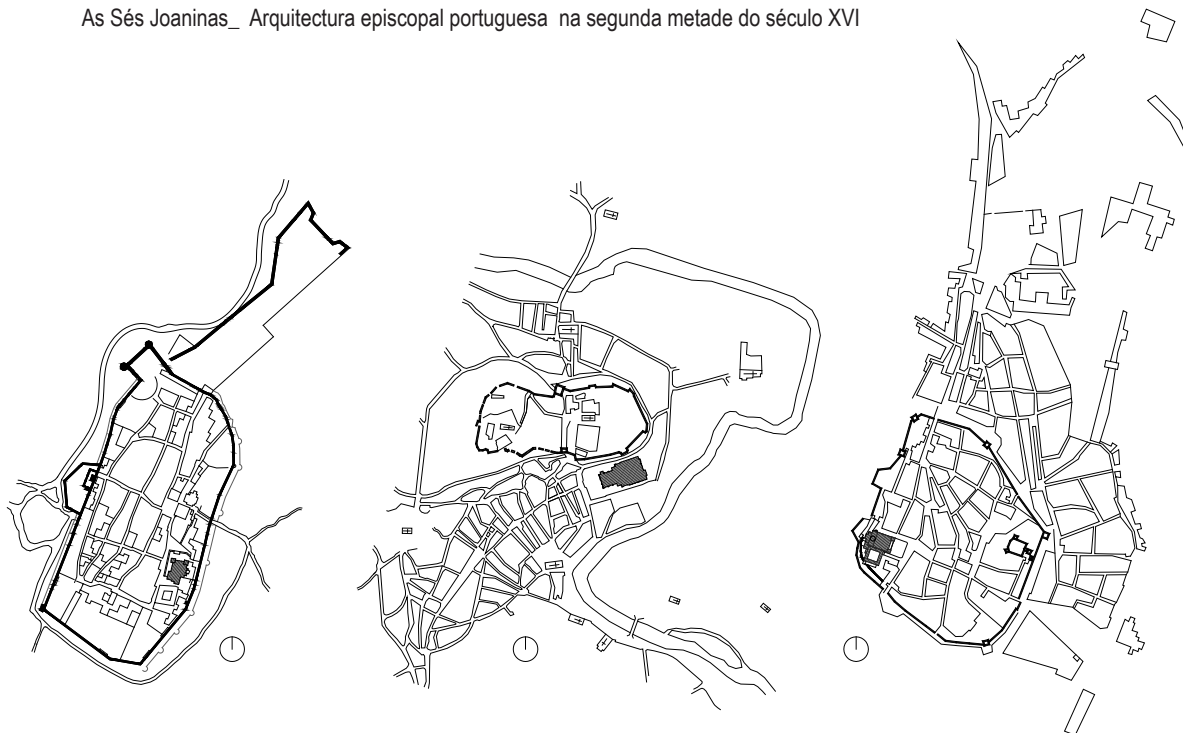


Capítulo 4

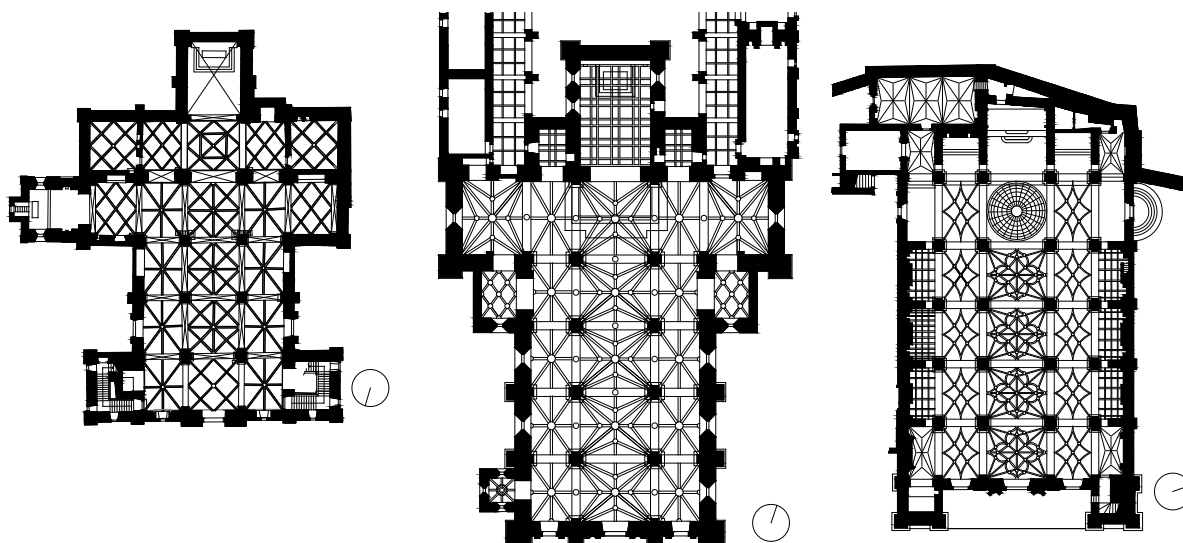
Análise Comparativa das Sés Joaninas



1. Plantas urbanas da cidade de Miranda, elaborada a partir da planta de 1762; de Leiria ,esquema da cidade após a implantação da Sé; e de Portalegre, desenho elaborado a partir da planta de 1801 (esc. 1/15 000).



2. Implantação urbana das Sés de Miranda (a), de Leiria (b) e de Portalegre (c).



3. Plantas das Sés de Miranda, de Leiria e de Portalegre (esc. 1/1000)

4.1 - Breve análise comparativa

Após o levantamento das principais características das Sés do reinado de D. João III foi possível estabelecer algumas comparações, começando desde logo pelos locais em que se implantaram as igrejas. Enquanto que as catedrais de Miranda do Douro e Portalegre se situam no perímetro intramuros, a cota alta, a Sé leiriense teve assento fora da muralha do castelo, onde se situava o núcleo mais populoso da recém cidade, e no único terreno não aluvionário disponível a cota baixa.

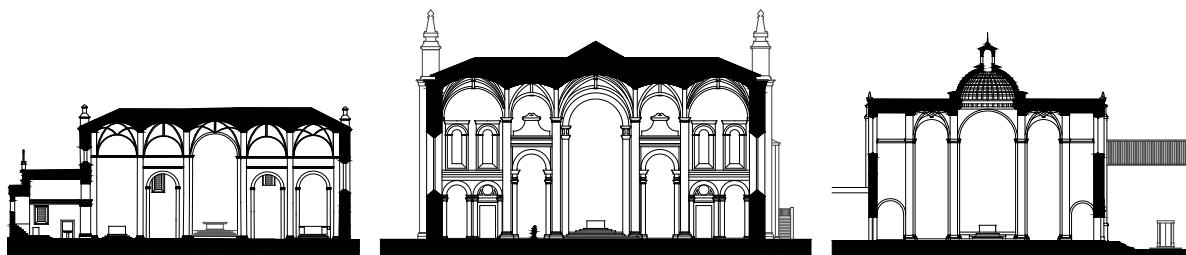
Nestas implantações terão pesado as condicionantes locais. As povoações de Miranda do Douro e Portalegre não estavam muito desenvolvidas fora do perímetro fortificado, sendo povoações fronteiriças. Como tal, o edifício religioso mais importante beneficiava de maior protecção perante possíveis investidas castelhanas ao estar dentro de muros. Em Leiria, essa ameaça era claramente menor, facto que provavelmente possibilitou a expansão da malha urbana ao longo do rio Lis, face ao despovoamento da zona do castelo, e deste modo tornou mais viável a localização da Sé no Sítio d'Ordem.

A diferente cota de implantação influencia ainda a percepção das obras. As sés fronteiriças demarcam-se da imagem das respectivas cidades, avistando-se a longa distância e sendo a sua principal referência, enquanto que em Leiria, apesar das maiores dimensões da Sé relativamente às restantes e da sua volumetria ser monumental quando comparada com o casario envolvente, o templo passa despercebido na urbe, cuja referência mais importante é o castelo. Apesar da condição actual, foi no século XVI um elemento importantíssimo do ponto de vista urbano, rematando a rua direita.

Relativamente às igrejas, todas se voltaram para o espaço mais importante das urbes, o que causou diferentes orientações da cabeceira: a capela-mor leiriense está orientada a este (nordeste), a mirandesa a sul (sudeste) e a de Portalegre a oeste (noroeste). Os três espaços envolventes conformam um adro bastante amplo, que em Leiria e Miranda é elevado e delimitado por balaustradas.

A austeridade, depuração, clareza e simplicidade são características desta arquitectura, que usou a planta salão como base para construir um espaço mais contínuo e uniforme, aliando suportes de inspiração tratadística – pilares cruciformes com a definição de capitéis – a uma abóbada de nervuras.

Implantação



4. Corte pelo transepto das Sés de Miranda, de Leiria e de Portalegre.



5. Vista aérea da Sé de Miranda do Douro. As volumetrias da cabeceira (pouco mais de dois tramos) e transepto (um tramo) juntas chegam a ser mais compridas que a do corpo das naves (três tramos).



6. O tramo da entrada em Portalegre, coberto pelo coro alto



7. Espaço da Nave central da Sé de Braga



8. O pilar cruciforme de grande escala da Sé de Leiria

Sobre o espaço interno, as três naves à mesma altura prolongam-se nas capelas da cabeceira. Em Portalegre, ao corpo das naves são acrescentadas capelas laterais intercomunicantes destinadas a cultos privados e sepultura de patronos poderosos, no enfiamento das quais surgem as torres, enquadrando a fachada, e o transepto incluso, que apenas se distingue em volumetria porque as capelas são cobertas a menor altura. Nas duas restantes catedrais do conjunto os transeptos são bastante salientes, reproduzindo os tramos quadrados do cruzeiro e desenhando claramente a cruz em planta e volumetria.

O transepto, em todos os casos, adopta a medida da largura da nave central, sendo que o de Leiria é o mais extenso transversalmente, mesmo quando comparado com o das sés precedentes, e o de Portalegre tem precisamente a extensão dos tramos da respectiva nave principal.

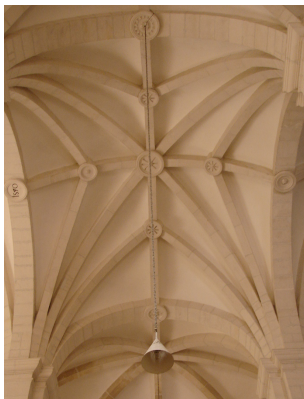
As igrejas de Leiria e Portalegre têm quatro tramos de comprimento mais estreitos que o do transepto, mas em Miranda apenas existem três, com a mesma extensão que a largura da nave transversal ou a largura definida pelo tramo das capelas colaterais. O tramo adjacente à entrada nas sés de Miranda e Portalegre, em que foi bispo D. Julião d'Alva, é coberto por coro alto articulado pelas torres que enquadram a fachada, funcionando o espaço interno com um sistema de dois coros em simultâneo, uma vez que na capela-mor ou na nave em frente à capela-mor se localizava o coro baixo. Este sistema permite a boa visibilidade do altar tanto para leigos como para cônegos.

A Sé leiriense não tem coro alto, que provavelmente se concentrava na capela-mor, daí se explicando a sua maior profundidade relativa. Problemas relacionados com o coro também estariam na origem da ampliação da capela-mor mirandesa, ocorrida no século XVIII, e que configurou um compartimento bastante saliente, acentuando a desproporção entre a volumetria do corpo das naves e a da cabeceira, que no exterior têm quase a mesma dimensão. A cabeceira da catedral de Miranda do Douro apresenta bastantes aspectos que não parecem ter sido planeados incluindo, desde logo, os arcos abertos entre as colaterais e a capela entre elas, onde está instalado o cadeiral.

A questão da visibilidade da capela-mor é favorecida pela redução do número de tramos, comparativamente às Sés anteriores, e pela largura das naves centrais (essencialmente nos casos de leiriense e alentejano), características que conjugadas com os largos transeptos causam a sensação de aproximação ao culto e convergência focal do espaço. Os suportes, robustos pilares cruciformes, são os únicos elementos que não favorecem ao máximo esta leitura.



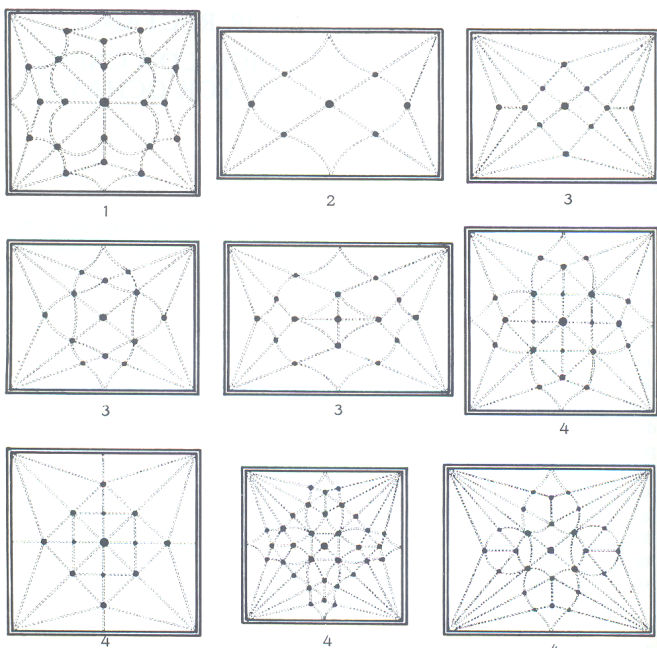
9. Abóbada da nave central de Miranda



10. Abóbada da nave central de Leiria



11. Abóbada da nave central de Portalegre



12. Desenho das abóbadas mais utilizadas por Rodrigo Gil. O desenho nº 4 da linha do meio é bastante semelhante ao da abóbada dos tramos centrais de Portalegre, que apenas não tem o quadrado menor na sua composição



13. Cúpula da Sé de Portalegre



14. Abóbada de berço com caixotões, na capela-mor de Leiria



15. Cobertura das capelas laterais na Sé de Leiria



16. Cobertura das capelas laterais na Sé de Portalegre

As cabeceiras, exceptuando a enviesada testeira de Portalegre, apresentam capelas rectas em todos os casos. A Sé mirandesa e a Sé portalegrense têm duas capelas anexas dos lados das colaterais, divergindo no plano da Sé de Leiria onde se desenha uma cabeceira tripartida com colaterais muito menos profundas que a capela central. Aqui, como na obra alentejana, existe uma capela própria para o Santíssimo Sacramento. Na Sé de Miranda este altar está integrado na generosa capela-mor, de acordo com as normas recomendadas pelo Concílio de Trento, que deixou fortalecido o culto do Santíssimo.

Em planta, por motivos topográficos, o claustro da cidade do Lis desenha-se a eixo da igreja por atrás da cabeceira, tomando esta como quarta ala à semelhança do que se passa na Sé de Lisboa. Em Portalegre o claustro localiza-se do lado sul, entre a igreja e a muralha, numa posição mais comum nos complexos diocesanos, e em Miranda este elemento terá ficado pela intenção, sendo posteriormente criado o claustro do Paço por trás da igreja, ligeiramente afastado e enviesado¹⁴⁵.

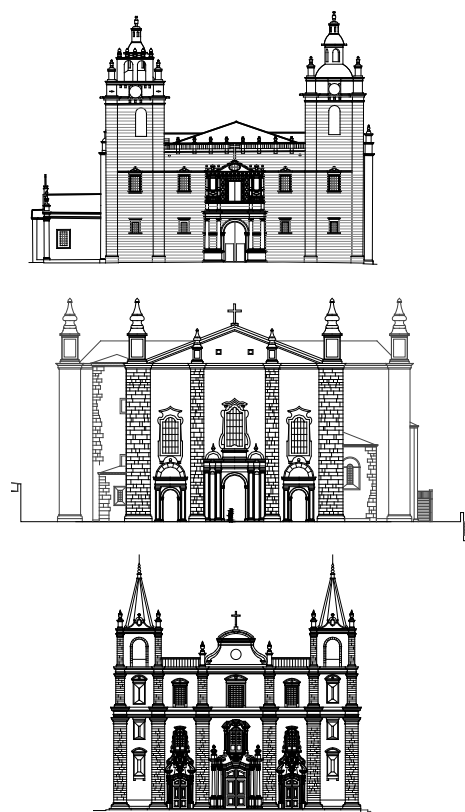
A cobertura do espaço das naves nas igrejas faz-se em abóbada nervurada sustentada nos robustos pilares cruciformes. Mas encontram-se algumas variações na imagem das mesmas. Desde logo, numa visão do conjunto estrutural, a dimensão das pilastras dos suportes é prolongada através dos arcos torais e formeiros da abóbada nas sés fronteiriças, o que não acontece na leiriense. Por outro lado, em Leiria e Miranda evidencia-se o maior peso da cantaria, numa composição mais simples e em que as nervuras assumem uma secção rectangular pura. Em Leiria e Portalegre, a cobertura da nave principal assenta em arcos torais ligeiramente abatidos, sendo que no último caso o tecto é de perfil mais achatado e de maior complexidade de desenho das nervuras, integrando uma abóbada de combados. Na Sé mirandesa a estrutura abobadada é mais alta.

Na catedral alentejana existem ainda dois importantes tipos de cobertura. Regista-se o uso da cúpula – a primeira a coroar o espaço do cruzeiro numa catedral portuguesa construída de raiz, e que enche o espaço de dignidade. Verifica-se ainda a abóbada de canhão nas capelas das ilhargas e nas três da cabeceira, tal como em Leiria e no volume saliente da capela primordial de Miranda, acrescentada no século XVIII.

145 Nota ainda para a implantação dos vários edifícios religiosos que as sés originaram. Em Portalegre o Paço episcopal foi agregado à cabeceira da igreja, com o antigo seminário a localizar-se mesmo ao lado, situação que também se verifica em Miranda, em que as ruínas da residência do bispo a sul da igreja indicam uma possível ligação, sendo o seminário também construído adjacente. Contrariamente a esta situação, em Leiria os paços foram instalados dentro da muralha do castelo e o seminário ao lado da igreja de Santo Agostinho, próximo do rio.



17. Espaço interno da Sé de Miranda do Douro.



18. As fachadas das Sés Joaninas

QUADRO COMPARATIVO			
PARÂMETROS	MIRANDA	LEIRIA	PORTALEGRE
Bula de Elevação a Diocese	22 de Maio de 1545	22 de Maio de 1545	21 de Agosto 1549
Data de Elevação a cidade	10 de Julho de 1545	13 de Junho de 1545	23 de Maio de 1550
Primeiro Bispo	D. Turíbio Lopes	Frei Brás de Barros	D. Julião d'Alva
Outros bispo influentes	D. Julião d'Alva	Frei Gaspar do Casal	Frei Amador Arrais
Hipotética data do projecto	1547 (?), 1552	1551	1556
Data da Primeira Pedra	24 de Maio de 1552	11 de Agosto de 1559 (?)	14 de Maio de 1556
Data do início da construção	16/05/1552	1559	1556
Sagração da Catedral	1566	1574	1923
Autoria	Miguel de Arruda, Gonçalo de Torralva (?)	Miguel de Arruda, Afonso Álvares (?)	Miguel de Arruda
Posição em Relação à Muralha	Interior à muralha	Exterior à muralha	Interior à muralha
Orientação da cabeceira	Sudeste	Nordeste	Noroeste
Início do Claustro	sem claustro	1597 (provavelmente)	1726
Implantação do Claustro	-	Articulado à cabeceira, a eixo da igreja	Lateral à igreja, encastrado na muralha
Início do Paço Episcopal	1601(?)	1640-1670	finais sec XVI; ampliado e restaurado em 1754.
Implantação do Paço Episcopal	por trás da capela-mor	afastado, dentro das muralhas	Ligados à igreja pela capela-mor
Algumas características específicas	Coro alto, curto corpo da igreja, "duplo transepto", aspectos incoerentes	Ausência de torres na fachada, ausência de coro alto, escala monumental, fachada ambígua	Coro alto, capelas laterais intercomunicantes, cúpula sobre o cruzeiro, transepto incluso

A iluminação interior das construções torna-se importante para uma leitura espacial de maior continuidade. Contudo apresentam-se algumas diferenças de processos, consoante os casos. Em Leiria a iluminação resulta essencialmente das grandes janelas verticais rasgadas na fachada, ao longo das paredes laterais e no transepto. Quadro semelhante é o da catedral mirandesa, mas a diferente forma e menor tamanho dos vãos, possivelmente devido ao clima, traduzem-se num sistema menos luminoso e mais condicionado. Os aspectos da luz, associados ao peso da cantaria granítica nas estruturas e coro alto e ao menor rebaixamento das abóbadas, provocam um espaço menos contínuo, mais frio e severo. Outras diferenças ocorrem em Portalegre, onde a luz entra lateralmente por óculos abertos nas capelas intercomunicantes e nas próprias paredes das naves, aos quais se junta a inovadora cúpula, assumindo o espaço interno uma imagem muito harmoniosa, clara e mais dinâmica.

Luz

Sobre o tratamento da fachada, as três catedrais levantam questões diferentes, apesar de todas fazerem transparecer no exterior a organização interior. Destaca-se na composição volumétrica a ausência de torres da Sé leiriense – a função sineira foi atribuída mais tarde ao antigo torreão da porta do sol. Nas restantes catedrais segue-se a tradição da fachada catedralícia portuguesa, mas enquanto na de Portalegre os volumes mais delicados das torres avançam da linha do frontispício de inspiração serliana, na frontaria mirandesa as largas torres e a parede entre elas estão no mesmo plano vertical.

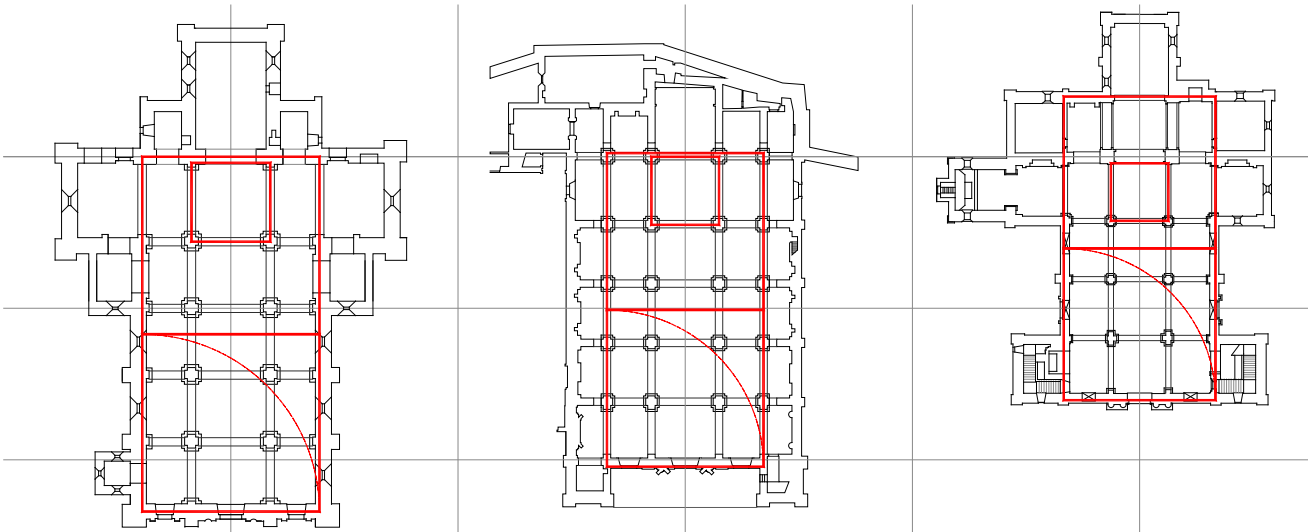
Fachada

Em Portalegre e Leiria vemos uma fachada de três panos rebocados e três portais separados por pilastras-contraforte (na primeira Sé mais pilastra e na segunda mais contraforte). Esta imagem contrafortada repete-se nos alçados laterais das três construções, conferindo-lhes ritmo. Na catedral transmontana a fachada é toda em pedra à vista, disfarçando a presença dos seus elementos constituintes, e não existem portais laterais, substituídos no nível baixo por janelas, mas há uma composição retábulo bastante erudita sobre a entrada.

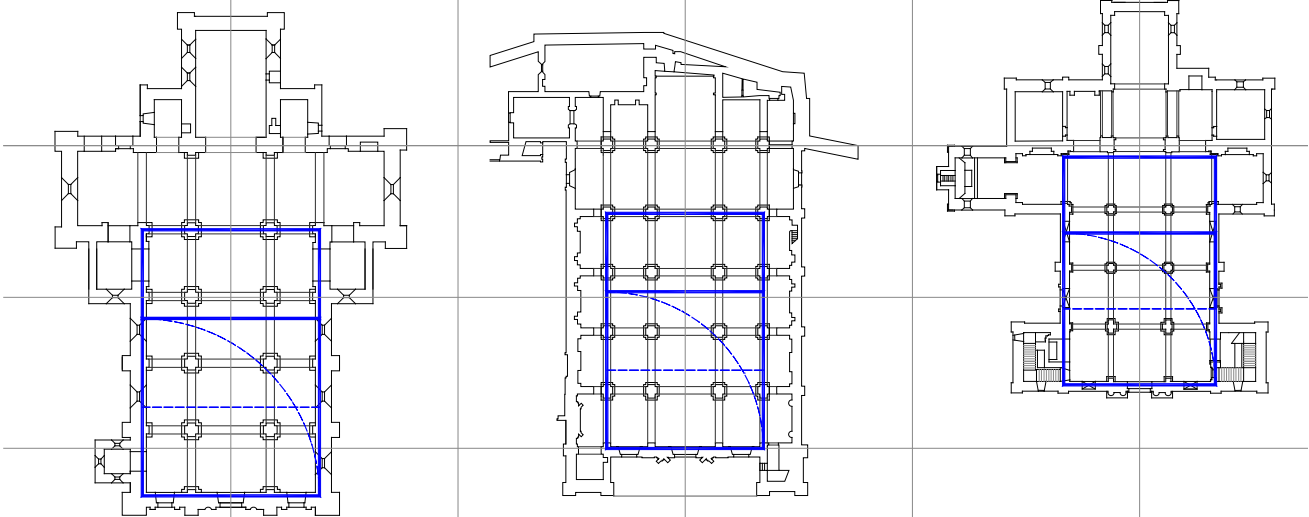
Todas diferentes são ainda as soluções de remate do corpo principal que consistem em frontão triangular no alçado leiriense, em balaustrada corrida na Sé mirandesa e em ático curvo ladeado por balaustrada falsa na situação alentejana, reflectindo um carácter experimental.

Por esta breve análise comparativa de alguns elementos já é possível demonstrar que apesar de serem do mesmo tipo, as catedrais joaninas são consideravelmente diferentes entre si e relativamente a alguns aspectos da tradição catedralícia nacional.

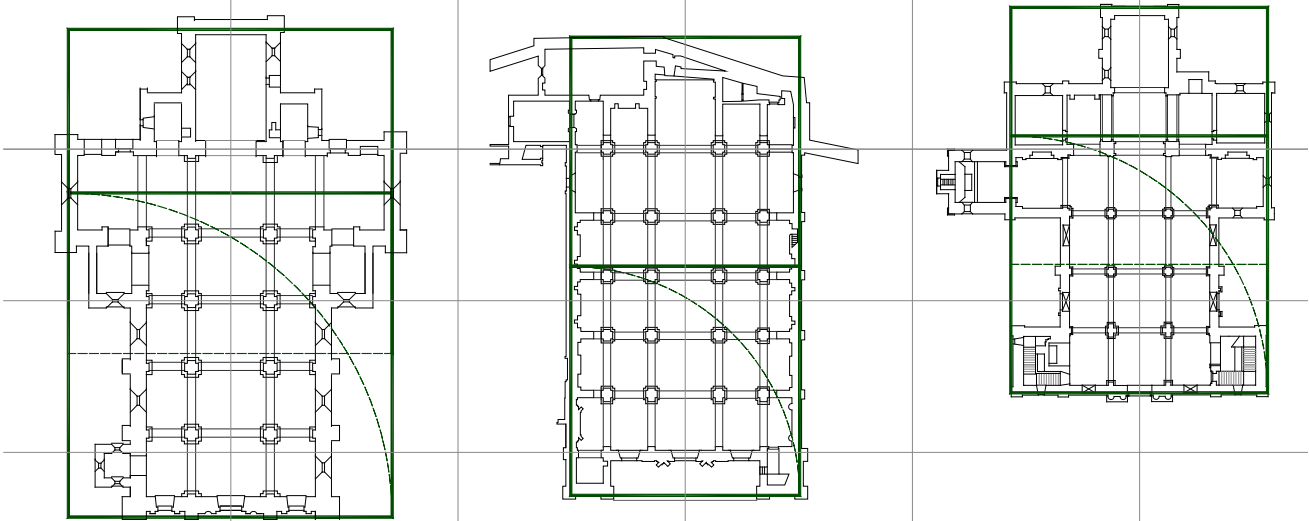
19. Proporções das Sés Joaninas em planta
(por ordem decrescente de grandeza e alinhadas pelo arco da capela-mor)



a) Proporções das Sés Joaninas sobre o espaço das três naves até à capela-mor. O duplo quadrado. No caso de Miranda do Douro a proporção desenha-se até à testeira das capelas colaterais



b) Proporções das Sés Joaninas sobre o espaço das três naves até ao transepto - 3:2



c) Proporções do perímetro exterior das Sés Joaninas

0 5 10 20 m

4.2 - Estudo métrico

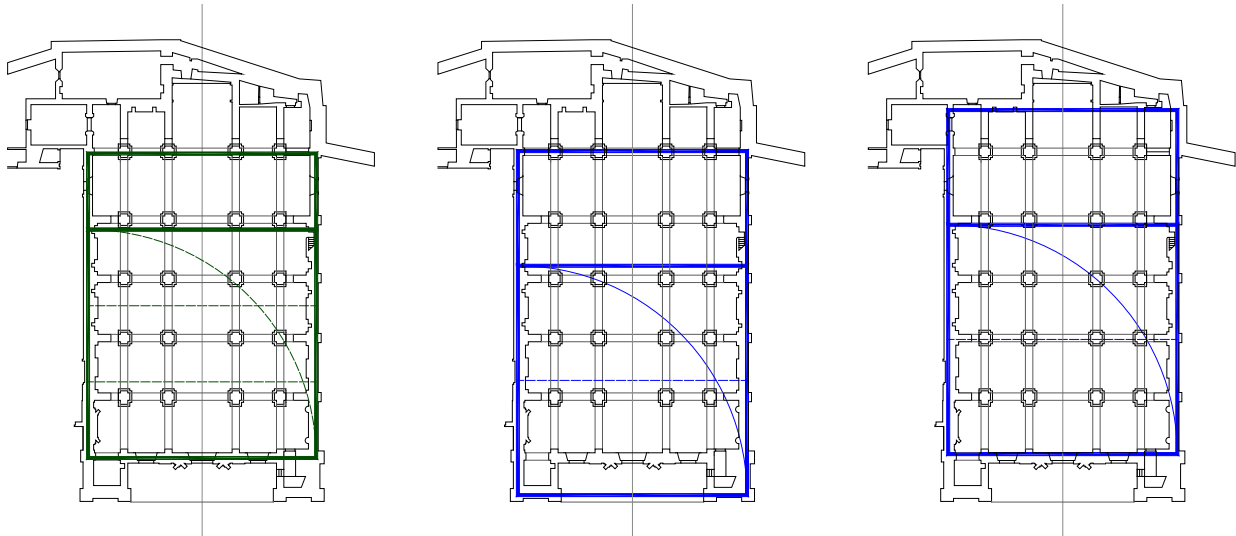
Nas Sés joaninas, como já se referiu anteriormente, verifica-se um grande cuidado no desenho e proporção das plantas, onde é possível enquadrar, com diferentes critérios, proporções sesquitércias (4:3), sesquiálteras (3:2) e de duplo quadrado. Ao leque de relações harmónicas horizontais, as recolhidas e as resultantes de estudo próprio, acrescenta-se a análise do espaço vertical, que não sendo a primeira, uma vez que Kubler havia já indiciado algumas relações¹⁴⁶, tem a vantagem de se apoiar nos desenhos produzidos.

A nível geral, as plantas das três Sés integram-se num duplo quadrado, com lado igual à largura do corpo da igreja, na proporção de que tanto fala George Kubler, que destaca ainda a sua utilização na maioria das catedrais espanholas a partir do século XIII. O critério para estabelecer a proporção exclui os volumes salientes do transepto, das torres e capelas laterais intercomunicantes, considerando-se apenas o espaço das três naves das igrejas. Contudo, há uma diferença importante: nas Sés de Leiria e Portalegre o duplo quadrado desenha-se entre a linha horizontal do frontispício e a linha do arco da capela-mor, enquanto que em Miranda a proporção dupla é definida desde a entrada até à testeira das colaterais, abarcando a área do cadeiral (esquemas da figura 18.a).

Considerando o espaço referente ao corpo da igreja, exceptuando o transepto, os templos de Leiria e Portalegre (excluindo as capelas intercomunicantes) apresentam harmonia sesquiáltera. Na Sé de Miranda do Douro a relação estabelecida segundo os mesmos parâmetros não é válida. No entanto, se alargarmos o espaço considerado até ao arco triunfal, a proporção estabelecida é também de 3:2 (esquemas da figura 18.b).

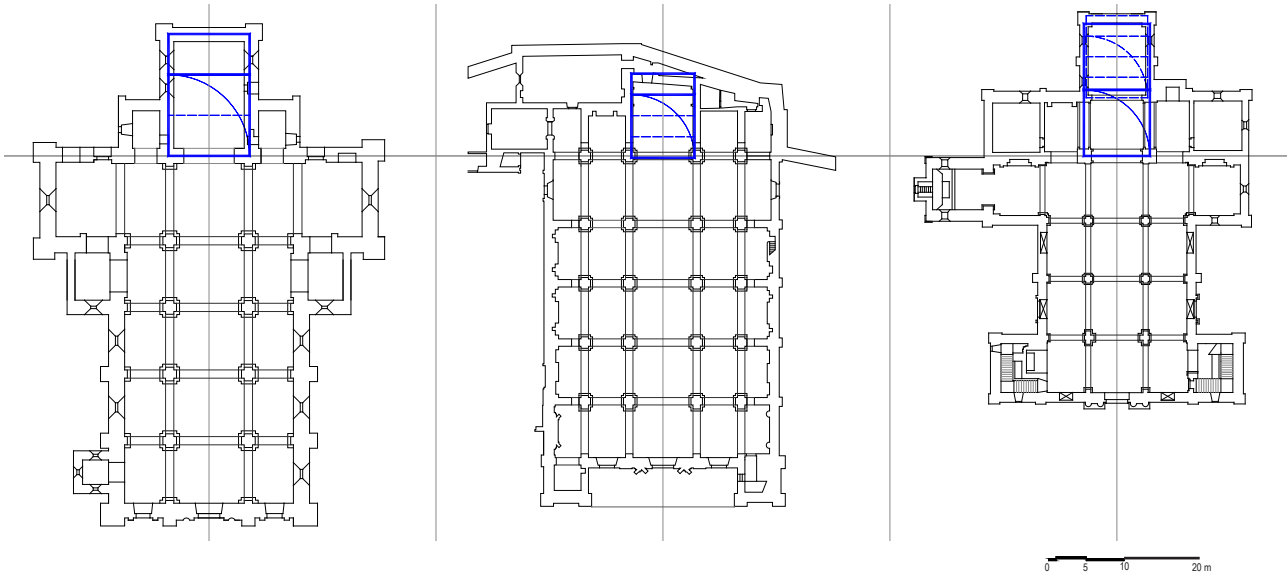
Relativamente aos perímetros exteriores dos traçados, dados pela largura dos transeptos e a distância a eixo entre a fachada e a testeira da capela-mor, a obra leiriense enquadra-se num rectângulo sesquiáltero, do qual também se aproxima a planta mirandesa. Por sua vez, englobando as capelas ao longo do corpo e as torres salientes da fachada, a catedral de Portalegre apresenta uma ampliação do duplo quadrado definido anteriormente sobre as suas naves até à capela-mor (esquemas da figura 18.c).

146 “ Em Portalegre, os suportes têm de altura menos de duas vezes a largura da nave central: em Leiria duplicam-na.” KUBLER, George – *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706*. Lisboa, 1988, p. 39. Esta foi a única afirmação referente ao espaço vertical das novas sés que se pôde retirar dos vários textos lidos. Segundo a leitura de Kubler, sobre a nave central em Leiria desenha-se um duplo quadrado (de lado igual à largura da nave), afirmação que segundo os critérios de medida a partir do centro dos pilares, se apresenta, a nosso ver, como incorrecta. Já a observação sobre Portalegre, mesmo que indefinida, parece mais próxima da realidade.

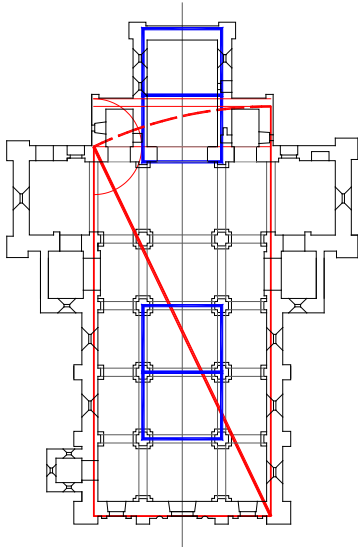


20. Proporções específicas da planta da Sé de Portalegre.

- Da esquerda para a direita: - 4:3 englobando as naves, capelas laterais e transepto
 - 3:2 englobando a saliência das torres, as naves, capelas laterais e transepto
 - 3:2 englobando as naves, capelas laterais, transepto e capelas colaterais



21. Proporções da capela-mor nas Sés Joaninas



MEDIDAS NO PLANO HORIZONTAL			
Critérios / Sés Joaninas	Sé de Leiria	Sé de Portalegre	Sé de Miranda
Proporção do espaço das naves até ao arco da capela-mor em planta	2:1	2:1	3:2
Proporção do espaço das naves até ao transepto em planta	3:2	3:2	7:6
Proporção do perímetro - relação largura /comprimento máximo	3:2	2:1	3:2
Proporção da capela-mor em planta	3:2	4:3	2:1 (4:3)

22. Algumas proporções específicas da planta da Sé de Leiria: profundidades das capelas da cabeceira

Outra interpretação planimétrica é feita ainda por Paulo Pereira, sobre o caso de Portalegre: “o plano desta igreja, considerando as capelas à face, a colateral e a nave central, bem como as relações métricas que mutuamente estabelecem” apresenta um sistema proporcional próximo da “razão sesquitércia (3:4), proposto por Rodrigo Gil para os edifícios com cinco naves”¹⁴⁷. Se à área determinada por Pereira acrescentarmos a profundidade das torres salientes, a proporção que se estabelece aumenta para a razão sesquiáltera (3:2).

O mesmo autor avança ainda a ideia da profundidade das capelas laterais intercomunicantes em Portalegre ser dada pelo rebatimento das diagonais dos tramos laterais do transepto, o que se constata. Nota-se que esta grande clareza de traça não parece advir da pura prática de construir, mas implicar já algum conhecimento tratadístico, presente de um modo mais evidente na definição dos capitéis e bases dos pilares cruciformes.

Relativamente às proporções horizontais da capela-mor, todos os casos são diferentes. Em Leiria, a profunda capela-mor desenha um rectângulo sesquiáltero de dimensões aproximadamente iguais ao conjunto definido por dois tramos da nave central. As capelas laterais da cabeceira parecem ter a sua profundidade definida pelo rebatimento da diagonal do espaço das naves¹⁴⁸. Comparativamente mais pequena é a ábside principal de Portalegre que assenta uma relação de 4:3, podendo ter ficado mais curta devido à falta de espaço junto à muralha, como já foi dito. Mas a maior diferença é verificada na capela-mor mirandesa, acrescentada no século XVIII, onde existe também alguma ambiguidade de critérios. Quando se considera apenas o volume saliente obtém-se um desenho próximo do sesquitércio, mas se for analisado todo o comprimento, desde o arco triunfal e englobando o espaço do cadeiral, a proporção é ligeiramente maior que um duplo quadrado.

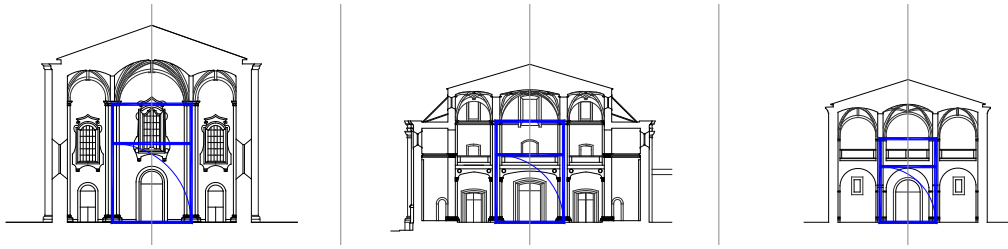
No espaço vertical dos templos parece haver alguma uniformidade nas medidas e relações actuais. Relativamente às dimensões apresentadas na nave central, é possível estabelecer para todas as catedrais que a altura desde o solo até à linha superior dos capitéis equivale a 3:2 da largura da nave, desenhando uma proporção sesquiáltera¹⁴⁹. Nos três casos, considerando o espaço entre pilares e pilastras até ao ponto mais elevado da abóbada, as

147 PEREIRA, Paulo – “A «traça» como único princípio: reflexão acerca da permanência do gótico na cultura arquitectónica dos séculos XVI e XVII”. In PEREIRA, José Esteves – *Estudos de arte e história: homenagem a Artur Nobre da Gusmão*. Lisboa, 1995, p. 193.

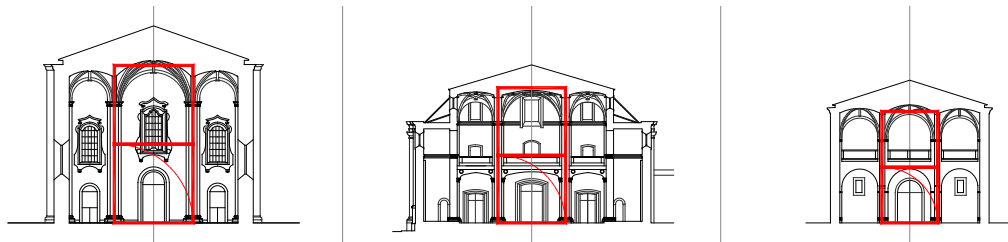
148 *Ibidem*, p. 192.

149 Esta análise toma como referência a medida horizontal entre o centro dos pilares. Em virtude das dificuldades em obter directamente uma medida exacta da altura dos pilares maiores da catedral de Portalegre, estima-se que esta se balize entre 3:2 da largura da nave central e a dimensão dada pelo rebatimento da diagonal do quadrado que se define.

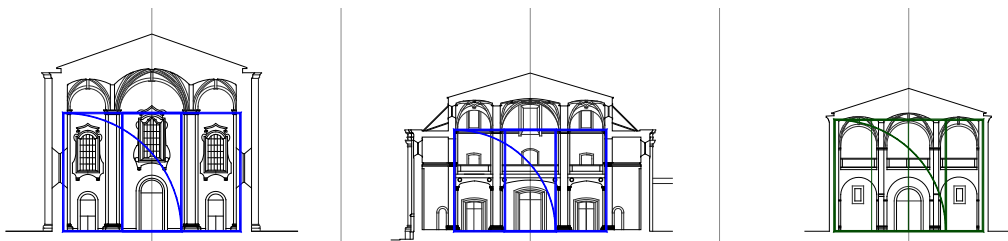
23. Proporções das Sés Joaninas em corte
(esc. 1/1000)



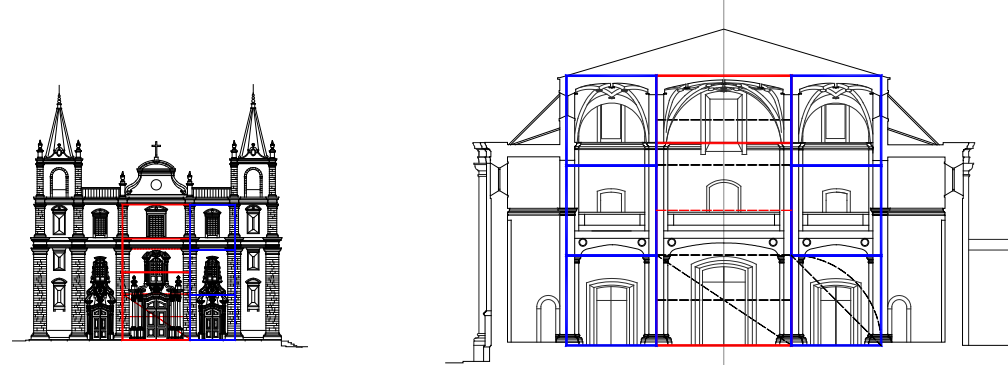
Proporções das Sés Joaninas sobre o espaço da nave central até à altura dos capitéis



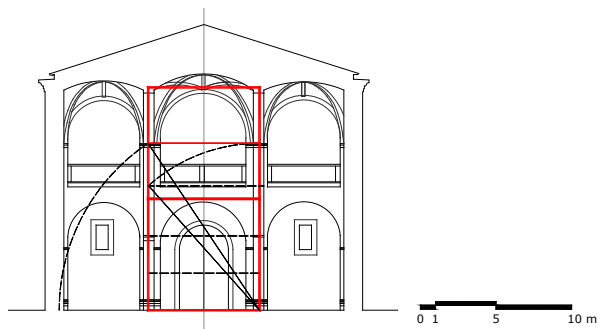
Desenho do duplo quadrado vertical sobre a nave central



Proporções das Sés Joaninas sobre o espaço das três naves até à altura dos capitéis



24. Proporções do alçado da Sé de Portalegre (a) à esc. 1/1000, e da sua altimetria interior (b) à esc. 1/500



25. Proporções verticais do interior da Sé de Miranda do Douro (esc. 1/500)

relações aproximam-se da oitava (2:1) na nave central enquanto que nas naves laterais é quase tripla.

Alargando o estudo ao volume das três naves, as Sés de Leiria e Portalegre enquadram o espaço até à linha superior dos capitéis dos pilares separadores das naves num rectângulo sesquiáltero apoiado no lado maior. Nas mesmas condições, a relação estabelecida no caso mirandês é pouco relevante, mas abrangendo toda a área da igreja, até às abóbadas, define-se um desenho sesquitércio.

As harmonias interiores reflectem-se nos alçados, desenvolvendo-se até à cornija a proporção de 2:1 sobre o pano central, e de 3:2 sobre a área referente às três naves, como é exemplo o templo portalegrense (desenho 24).

Destacam-se ainda correspondências particulares dos elementos verticais. Em Miranda, a altura dos capitéis (50 palmos), rebatida até encontrar o eixo dos pilares, aproxima-se da linha que define o piso do coro alto, a sensivelmente 37 palmos do solo¹⁵⁰. Na catedral de Portalegre, a altura dos capitéis das capelas à face iguala a largura da nave central da igreja e, por sua vez, 2:3 desta equivalem à medida vertical dos capitéis a menor altura da igreja – os que rematam os pilares do coro alto.

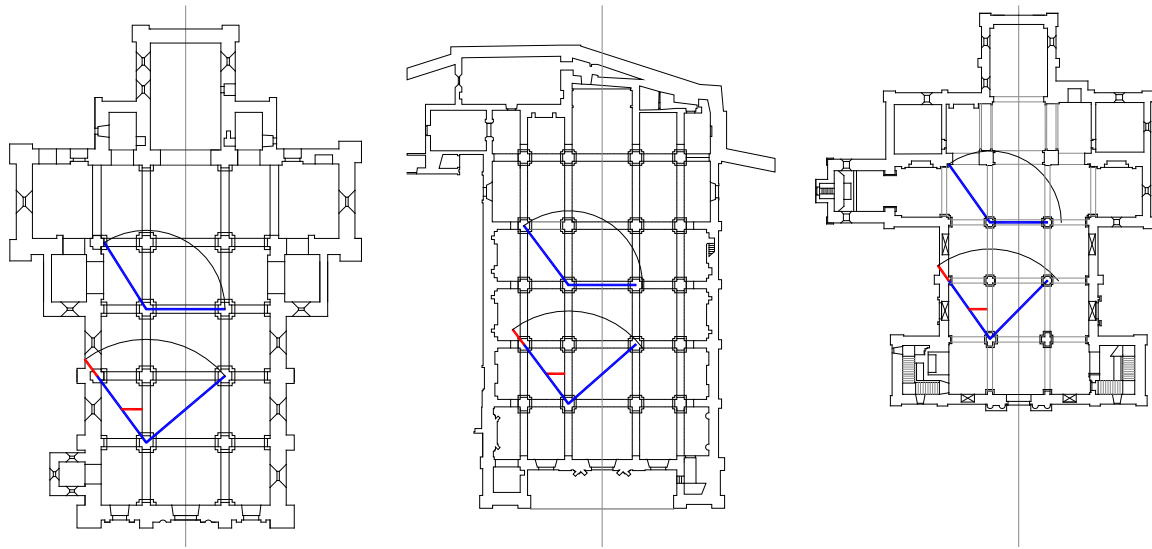
Por fim apresenta-se a análise das partes na planta. O edifício leiriense é dos três o templo mais estudado em termos métricos e proporcionais, o que não significa uma convergência ou equivalência de resultados nem a adequação completa à realidade. Quando se trata da relação entre tramos, as leituras desmultiplicam-se. Kubler apresenta duas premissas que aparentemente não podem ser válidas em simultâneo: “Os compridos tramos rectangulares das naves laterais têm diagonais que igualam a largura da nave principal. Assim, a soma de metade da largura da nave principal com a largura da nave lateral iguala a diagonal desta última, [...]”.

Verifica-se efectivamente que a diagonal dos tramos laterais iguala a largura da nave central, no entanto seria necessário que o valor da largura da nave lateral fosse exactamente o mesmo que metade da largura da primeira para que se comprovasse a relação avançada, e não o é, ou seja, uma premissa não implica a existência ou validade da segunda¹⁵¹.

Ainda sobre a relação entre tramos na Sé leiriense, Lucília Verdelho Costa, em 1989, afirma que “a largura da nave principal é igual à diagonal dos tramos colaterais e esta última,

150 De referir ainda que os portais laterais, de dimensões altimétricas iguais a 20 palmos, se encontram alinhados no limite superior do seu vão pelos capiteis em que assentam os arcos do coro alto, situação semelhante ao que se passa com as janelas do corpo da igreja em relação à linha do capitéis superiores, que distam 50 palmos ao chão.

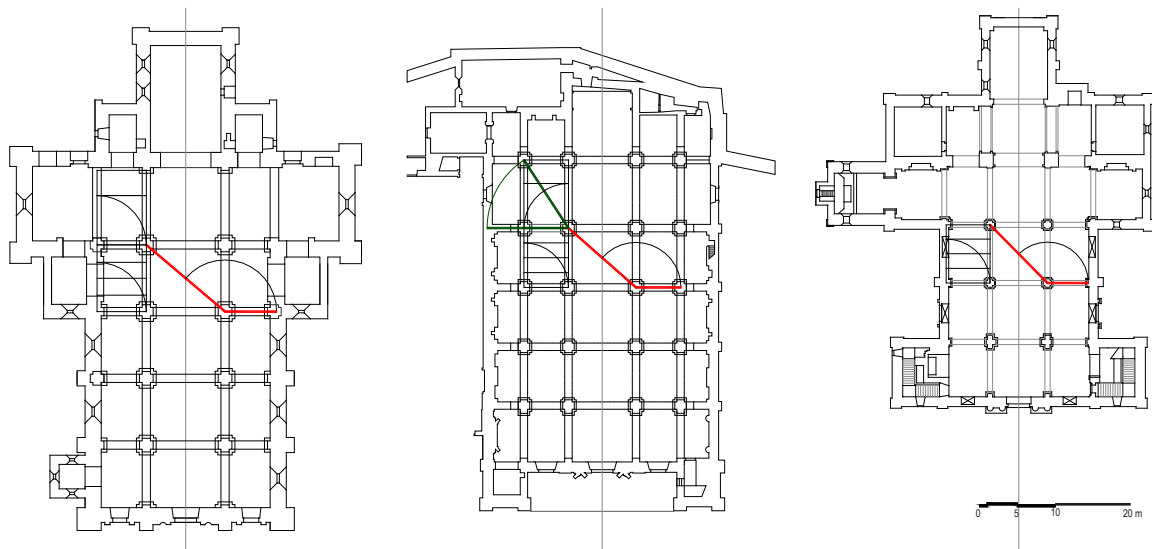
151 As opiniões de Horta Correia, Rafael Moreira e Carlos Ruão seguem o essencial das ideias de Kubler mas excluem considerações sobre as relações entre tramos citadas.



26. Relação entre tramos nas catedrais joaninas.

- Os esquemas nos tramos mais próximos da capela-mor representam a visão de Kubler: a diagonal dos tramos laterais tem um comprimento igual à largura da nave principal.
- Os esquemas mais próximos da entrada reflectem a visão de Lucília Verdelho Costa (1989) segundo a qual a diagonal dos tramos laterais mais metade da largura dos mesmos módulos é igual à diagonal da nave central.

Nas duas situações, as premissas adequam-se melhor ao plano de Leiria, sendo o de Miranda o que mais se afasta das relações avançadas.



27. A premissa que melhor se adequa no geral das três avançadas: "a largura das naves laterais iguala metade da diagonal traçada sobre os tramos centrais" (Luís A. Rodrigues, 2001)

Na nave lateral esquerda de cada Sé representa-se ainda a proporção própria dos tramos laterais, que no corpo da igreja é sesquitércia para todos os casos. Partindo do módulo do cruzeiro, os tramos laterais que figuram no transepto são de proporção sesquialtera em Leiria e Portalegre.

somada a metade da largura das colaterais, dá a diagonal da primeira”.¹⁵² Se a primeira ideia é a mesma que a apresentada por Kubler, a segunda é uma nova relação que se aproxima bastante da realidade medida.

Relativamente à catedral mirandesa, a “largura das naves laterais iguala metade da diagonal traçada sobre os tramos centrais”¹⁵³. Esta perspectiva, avançada por Luís Alexandre Rodrigues em 2001, foi também confrontada com os restantes planos catedralícios e revelou-se adequada, mas com uma pequena diferença de critério: em Leiria e Portalegre a igualdade verifica-se considerando as distâncias entre as projecções dos pontos centrais dos pilares; em Miranda do Douro, a proporção usa a medida entre o centro do pilar das naves e o ponto à face da parede lateral. Apesar disso, este é um apontamento bastante credível sobre todo o conjunto episcopal joanino, pelo que assumimos que é a relação que unifica a obra construída das três Sés, no que diz respeito a este aspecto.

Na catedral de Miranda do Douro, todos os tramos da nave central apresentam sempre o mesmo comprimento – entenda-se comprimento no sentido do eixo da igreja, situação diferente do que se passa nas restantes Sés joaninas onde o comprimento dos lados menores dos tramos rectangulares da nave central apenas aumenta até igualar a sua largura no transepto, configurando então a proporção prima (1:1).

De grande importância é ainda a informação avançada por Virgolino Ferreira Jorge, que relaciona a medida dos vários elementos constituintes da catedral leiriense com uma unidade base. Nas suas palavras, “o módulo unitário, que equivale à medida do quadrado do cruzeiro, é responsável pelos parâmetros morfométricos do edifício. As principais medidas da igreja (ritmo dos elementos arquitectónicos, espessura de paredes, pilares e pilastras, espacialidade e volumetria, etc.), quer para o traçado simétrico da planta quer para a composição dos alçados, foram criteriosamente definidas e quantificadas em submúltiplos e múltiplos inteiros deste módulo fundamental ou unidade geométrica básica”¹⁵⁴.

Confirmada por aproximação de valores¹⁵⁵, esta citação evidencia a unidade e coerência do projecto e da própria construção, em que o todo e as partes permanecem interligados, reforçando a ideia de uma arquitectura consciente e bem desenhada. Quando confrontada com

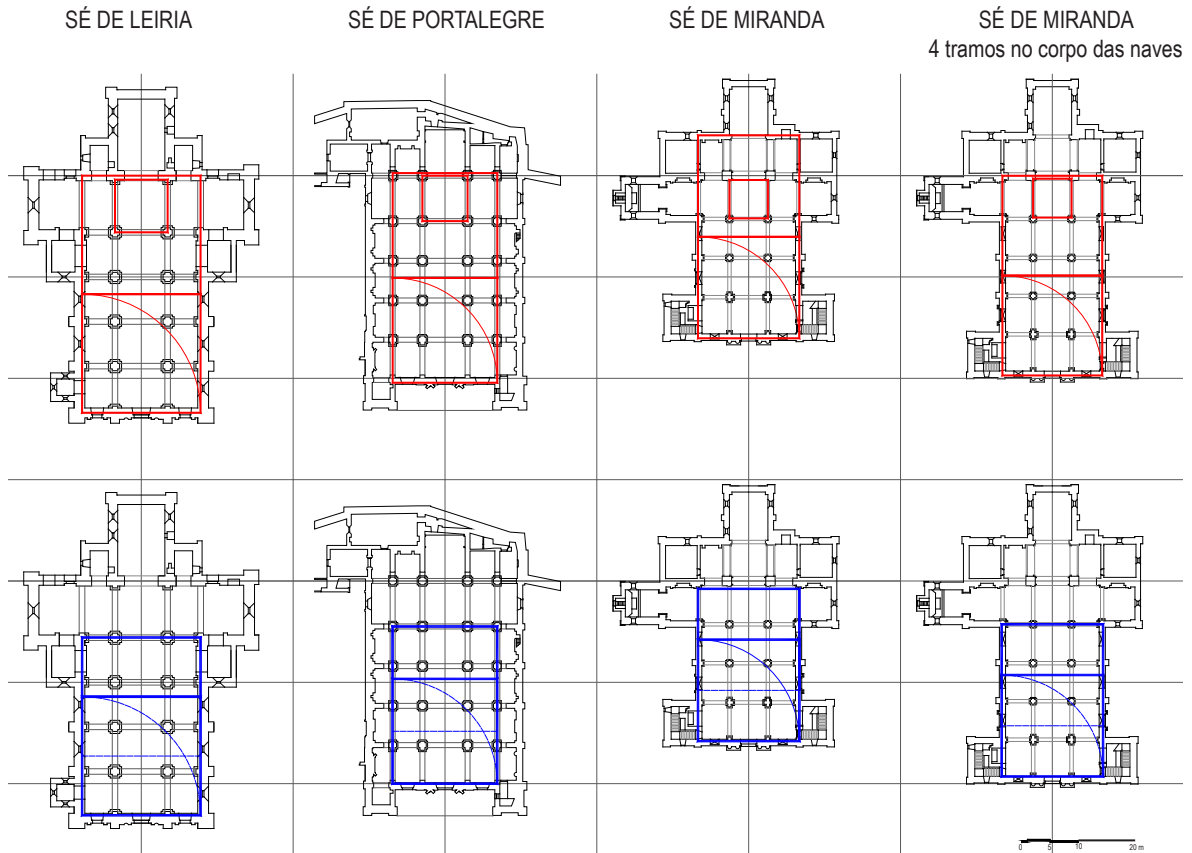
152 COSTA, Lucília Verdelho – *Leiria*. Lisboa, 1989, p. 22.

153 RODRIGUES, Luís Alexandre – *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, Vol. 1, p. 185.

154 JORGE, Virgolino Ferreira – *Op. cit.*, p. 103.

155 A largura das paredes exteriores, de dez palmos, aparenta corresponder a 1:5 da medida inicial o lado do quadrado do cruzeiro, que é de 50 palmos (5 braças). Através da desmultiplicação desta última referência obtém-se ainda a grandeza das pilastras interiores, que equivale a 5 palmos (1:10 da módulo do cruzeiro).

28. Esquemas proporcionais definidos para o espaço das naves nos planos das catedrais joaninas e da planta mirandesa actual com mais um tramo no corpo das naves. Escala 1/1500



MEDIDAS NO PLANO HORIZONTAL				
Critérios / Sés Joaninas	Leiria	Portalegre	Miranda	Miranda 4 tramos
Proporção do espaço das naves até ao arco da capela-mor em planta	2:1	2:1	3:2	2:1
Proporção do espaço das naves até ao transepto em planta	3:2	3:2	7:6	3:2



29. Corte transversal pela cabeceira mirandesa, atravessando o cadeiral, as capelas colaterais e os compartimentos anexos.

as restantes catedrais, a relação parece ter sido também princípio de definição dos elementos na mesma proporção. Apenas as paredes da Sé de Portalegre são menores do que a relação de escala entre elas sugere. Mas este facto pode ser consequência do mecanismo das capelas laterais intercomunicantes, cujas paredes separadoras funcionam como grandes contrafortes, travando a construção.

4.3 - Hipóteses para o projecto primitivo da Sé de Miranda do Douro

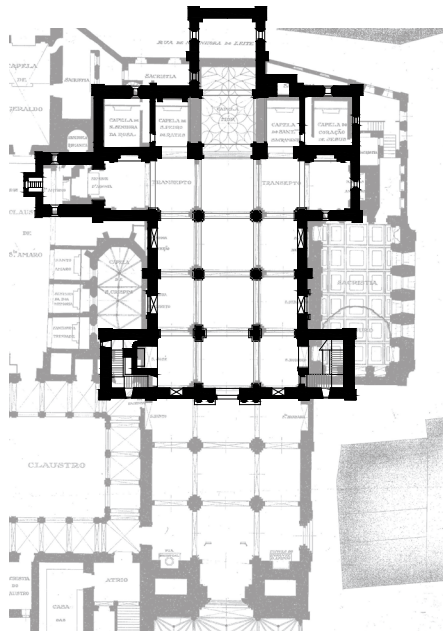
Supondo que os projectos catedralícios foram trabalhados ao mesmo tempo no atelier régio, embora com condicionantes locais bem distintos, é consequente pensar que os valores de concepção fossem idênticos. No entanto, a Sé de Miranda do Douro difere em proporções gerais da regra criada pelas restantes plantas catedralícias do conjunto joanino.

Deduz-se que desde o projecto inicial, levado por Gonçalo de Torrava (1547) a D. Turíbio Lopes, até ao fechar da cobertura, a obra mirandesa percorreu um atribulado caminho que se não alterou completamente o plano inicial, pelo menos o pôs em questão inúmeras vezes¹⁵⁶. Pelo meio sobram indícios de que as dificuldades económicas, que desde o começo atormentaram o sensato primeiro bispo, poderão ter limitado os trabalhos, relembrando o notório o desequilíbrio entre os volumes do corpo e da cabeceira.

Assim, e com base na comparação das medidas e proporções entre as três catedrais, parece lógico que o projecto primitivo de Miranda do Douro, ou o de 1552 – uma vez que não se percebe claramente se houve ou não o abandono total da traça de 1547- deveria considerar mais um tramo no corpo longitudinal, num número total de quatro tramos até ao transepto, tal como sucede nas catedrais de Leiria e Portalegre. A introdução de um tramo no plano actual da Sé corrige a proporção do corpo que seria assim, segundo os mesmos critérios, um rectângulo sesquiáltero ampliado para duplo quadrado quando envolvesse os tramos até ao arco triunfal, tornando o conjunto joanino igual nesses parâmetros.

Mas existem outros aspectos do complexo mirandês de difícil explicação e desadequados ao quadro das outras Sés joaninas ou simplesmente de um templo catedralício. Destacam-se a escala e posição das torres relativamente ao corpo e a configuração da cabeceira que, numa espécie de duplicação do transepto, apresenta múltiplas incongruências.

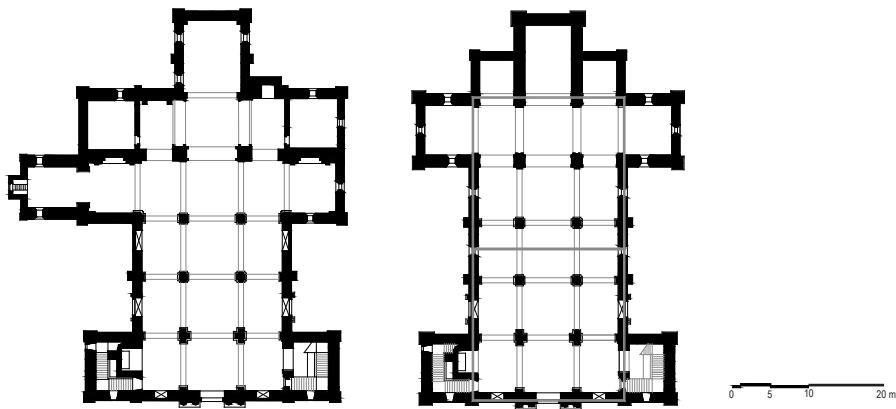
¹⁵⁶ Enumerando: primeiro foi D. Turíbio Lopes que mandou traçar uma igreja mais simples (1549), manifestando vontade de aproveitar o corpo da igreja antiga de Stª Maria. De seguida, em Lisboa, são os arquitectos régios que “praticam” no projecto da sé até 1552 e em 1560, já com a obra a decorrer, D. Julião d’Alva manda parar os trabalhos com vista a introduzir mudanças no projecto que se fazia construir. Por fim, no século XVIII, a igreja vê o seu espaço aumentado através da construção da capela de S. Jorge (1736, 1760), adjacente ao transepto do lado do Evangelho, e da ampliação da capela-mor (1749-54), por falta de espaço.



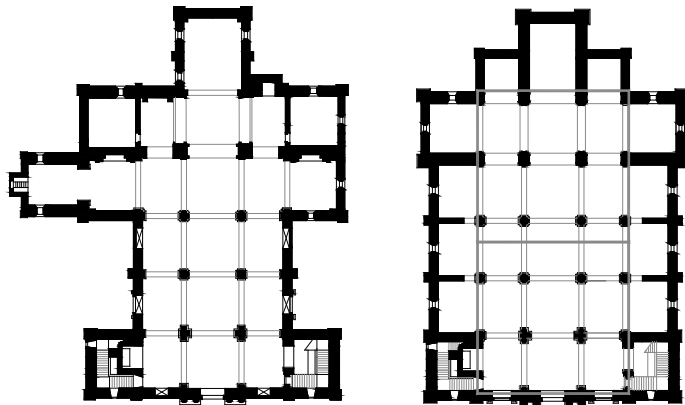
30. Confronto das plantas da Sé de Miranda e da Sé de Braga. esc. 1/1000)



31. Pormenor do pilar da capela-mor mirandesa.



32. Planta actual/ Hipótese 1. (esc. 1/1000)
Desenho da Sé com mais um tramo e uma cabeceira tripartida simples.



33. Planta actual/ Hipótese 2. (esc. 1/1000)
Desenho da Sé com mais um tramo, uma cabeceira tripartida simples e capelas laterais ao longo do corpo.

As capelas colaterais são bastante profundas e comunicam directamente com a central através das aberturas geradas por arcos de volta inteira, aspecto no qual difere de todos os precedentes catedralícios nacionais, em que a capela-mor era geralmente encerrada, e as aberturas, a existir, eram mínimas ou de passagem. Por outro lado, no ponto em que arrancam os arcos entre capelas, os quatro pilares de maior secção que enquadram o cadeiral surgem interrompidos. Por último, acrescenta-se a estranha configuração produzida pelos os anexos fechados, que servem designados por sacristias, mas que não são de todo usuais em templos deste género, não com esta localização nem tamanho¹⁵⁷.

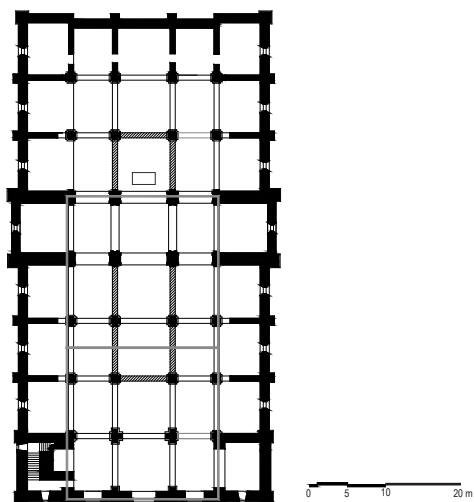
Na românica Sé de Braga verifica-se uma cabeceira com capelas laterais em número e dimensões iguais aos tramos do transepto, para onde se voltam todas servindo efectivamente ao culto, o que não acontece com os fechados compartimentos do caso mirandês, onde tanto as proporções como a indefinição funcional, manifestam a sua inadequação ao espaço. Curiosamente, também a catedral bracarense apresenta a mesma distância entre pilares, medida no sentido axial, o que faz com que todos os tramos sejam quadrados na nave central.

Pouco pode ser esclarecido até à descoberta de nova documentação, dadas as ambiguidades presentes por todo o edifício. No entanto, e olhando para a obra actual, decidiu-se elaborar três hipóteses interpretativas do que existe actualmente e do que poderia ter sido o projecto de 1552.

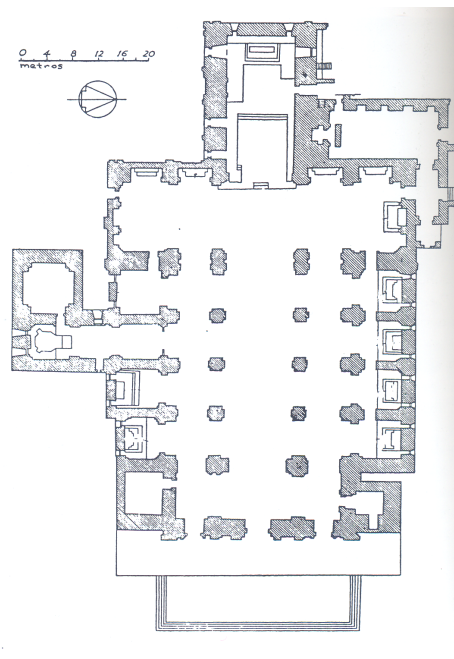
As duas primeiras hipóteses sucedem uma da outra e relacionam-se mais directamente com as outras Sés joaninas numa questão de composição. Uma primeira hipótese traduz-se por uma planta em cruz latina, com uma cabeceira tripartida na qual as capelas teriam diferentes proporções e dimensões em relação ao presente. Esta conjectura elimina os compartimentos das extremidades da cabeceira já que não há registo, nos templos catedralícios de um modelo semelhante, e introduz o tramo na nave que se viu anteriormente fazer falta para repor a proporção relativamente a Leiria e Portalegre.

Uma outra suposição derivada do primeiro plano conjectural suporta-se na estranha saliência, verificada na Sé mirandesa, das torres, até então tradicionalmente desenvolvidas no enfiamento de naves. Com o sentido de compor a planta, esta segunda hipótese integra grandes capelas laterais ao longo do corpo, entre as torres e os braços do transepto, um pouco à semelhança do que aconteceria na planta da catedral de Goa ou na maioria das catedrais

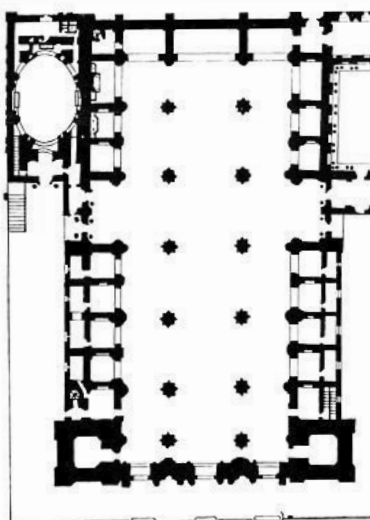
157 Na Sé de Portalegre existe uma configuração de cabeceira semelhante que inclui duas capelas ao lado das laterais da cabeceira. Contudo são relativamente menores que os restantes tramos da igreja, sendo que apenas a do lado da epístola se encontra encerrada, assumindo a função de sacristia. Este desenho da cabeceira de Portalegre justifica-se em grande parte pela adaptação necessária à presença da muralha.



34. Hipótese 3. (esc. 1/1000)
Desenho da Sé à semelhança das catedrais espanholas, com coro baixo nos tramos da nave central em frente ao altar, capelas laterais ao longo do corpo e definindo uma espécie de deambulatório por trás do altar



35. Planta da catedral de Goa.



36. Catedral espanhola de Jaén, 1540.
Este poderá ter sido um dos projectos referência das sés joaninas, aliando no seu espaço uma abóbada de nervuras a suportes de gosto clássico, mas de forma diferente dos pilares cruciformes característicos do conjunto português



37. Vista da capela-mor para o coro alto sobre a entrada.

castelhanas, podendo ainda verificar-se a subdivisão dos compartimentos laterais às ilhargas como em Jaén.

Por fim, apresenta-se a mais pretensiosa das três hipóteses para o primitivo plano mirandês. Numa tentativa de explicar a estranha configuração dos elementos destacados, e sobretudo toda a confusão da cabeceira, esta proposta começou da ideia lançada por Paulo Varela Gomes, de um projecto influenciado pelas catedrais do outro lado da fronteira, e particularmente pela de Salamanca.

O ponto de partida foi o seguinte: os quatro pilares, de maior secção, que hoje enquadram o cadeiral do coro na capela-mor mirandesa teriam provavelmente a mesma altura que os das naves. A sua monumentalidade sugere que terão sido pensados para o cruzeiro, espaço central do templo, até porque, não sendo convencional a abertura existente entre as capelas da cabeceira, também parece improvável que pilares com aquela dimensão e tratamento de pedra fossem desenhados para permanecer escondidos dentro de paredes, como aconteceria nas paredes de uma capela mor “à portuguesa” e se não se rasgassem os actuais arcos que albergam o cadeiral. Dentro desta suposição, os compartimentos anexos na mesma linha horizontal da cabeceira, alegadamente da época de construção primitiva¹⁵⁸, são explicados porque corresponderiam aos braços do transepto.

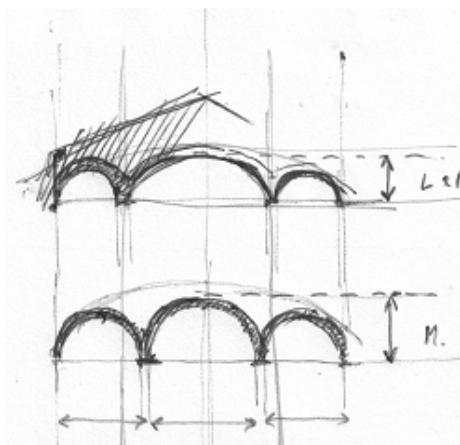
Com esta situação, justificam-se as iguais profundidades das capelas da cabeceira relativamente aos restantes tramos, a primeira intenção de monumentalidade dos dois pilares que se localizam no alinhamento da testeira das capelas laterais e a mínima espessura das paredes existentes entre as capelas colaterais e os anexos que com elas comunicam.¹⁵⁹

Há ainda outro aspecto que parece mais claro com este projecto hipotético. A largura da nave central em Miranda é relativamente menor, o que confere maior importância às naves laterais, que, para manter a proporção de duplo quadrado têm tramos menos estreitos, mais “quadrados”, compensando as dimensões dos tramos centrais. A perda de largura e importância da nave central sugere que possa ter sido prevista uma ocupação do seu espaço, que não seria outra que a do coro baixo em frente à capela-mor, solução típica da arquitectura espanhola. Nesta perspectiva, não haveria lugar para um coro alto no projecto inicial da catedral mirandesa.

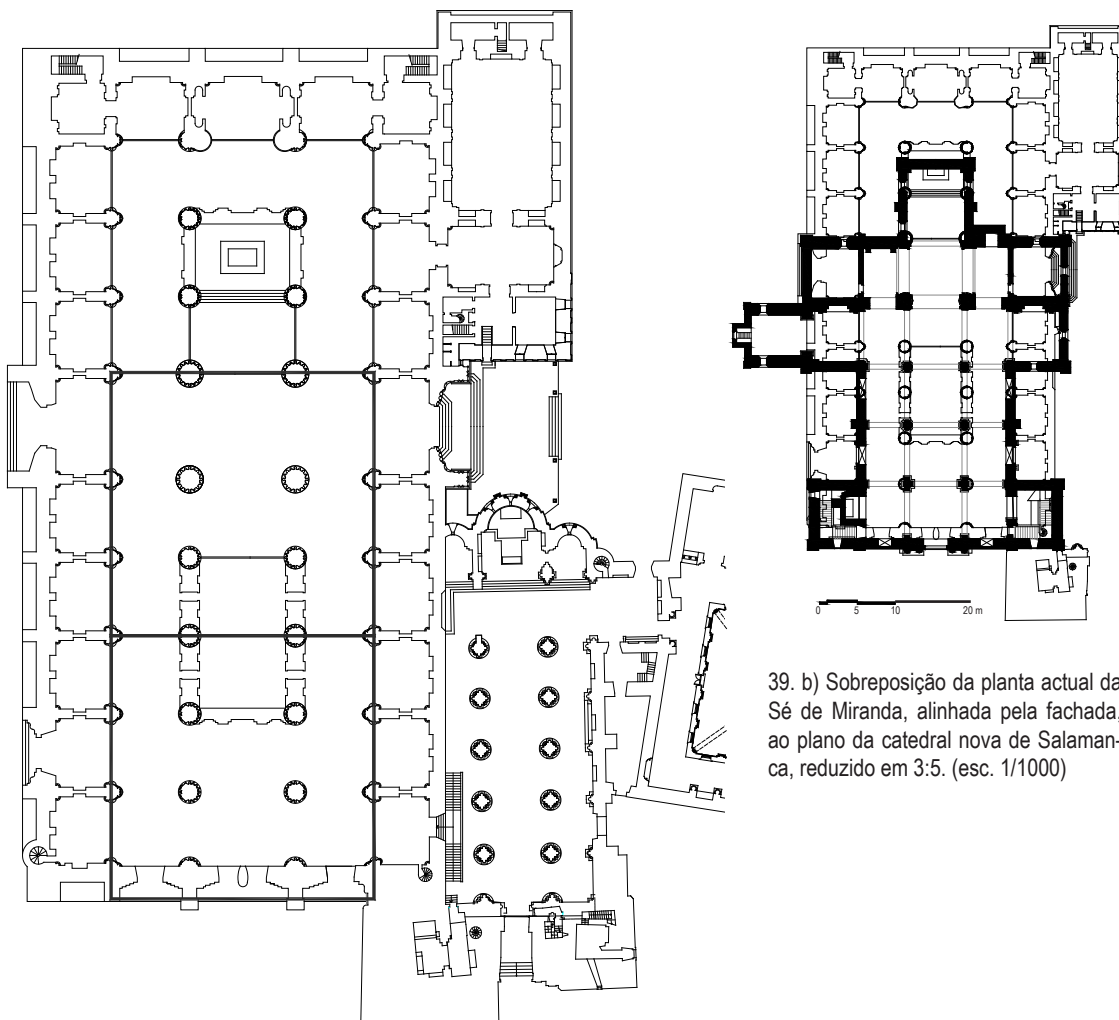
O jogo de compensações entre as larguras das naves (que torna os tramos laterais e centrais quase iguais) parece também reflectir-se na cobertura, de carácter bem mais vertical que a da Sé de Leiria ou de Portalegre. Como as naves laterais mirandesas são proporcionalmente

158 MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diócesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], Vol. 1, p.95.

159 Note-se ainda que no exterior, não existe grande demarcação entre as capelas e o transepto, que apenas se destaca pela maior altura. A presença de cunhais de pedra aparelhada é interrompida na ligação entre compartimento anexo e braço do transepto.



38. Relações entre a largura dos tramos e a altura das abóbadas.



39. a) Planta das catedrais de Salamanca - a nova e a antiga (esc. 1/1000)

39. b) Sobreposição da planta actual da Sé de Miranda, alinhada pela fachada, ao plano da cathedral nova de Salamanca, reduzido em 3:5. (esc. 1/1000)

mais largas, os arcos que lhe suportam a abóbada tornam-se também mais altos, e assim, para o tecto permanecer sensivelmente à mesma altura nas três naves - como é da tipologia salão, a estrutura abobadada da catedral de Miranda tornou-se toda ela mais vertical. Nas restantes Sées joaninas, a nave central é mais larga e os arcos torais são ligeiramente achatados, contribuindo para a maior leveza e luminosidade da cobertura.

O hipotético projecto aqui apresentado vai de encontro às palavras do primeiro bispo mirandês, de um projecto sumptuoso em demasia para a recém cidade. Recordando a missiva de 29 de Maio de 1549, D. Turíbio Lopes diz que “ bastara fazer hua see tã grande e tam lustrosa como a see de Évora, que vay asaz encarecida, fazendose pelo estilo comum de outras sees e cidades antigas ” pedindo ainda que “deite V. A. os olhos nas obras das sees mui antigas e a perguntar pella see que aguora serve em Salamanca e em outras cidades de Castella, e parecerlhea que sobeja esta pera aqui.”¹⁶⁰

Destas palavras sai reforçada a ideia de que actualmente, o que se encontra construído, não seria sequer metade do projecto que Gonçalo de Torralva levava em 1547. Referindo-se à catedral de Évora, o bispo castelhano dá a entender que o debuxo que recebeu seria mais grandioso que o da cidade alentejana, já de si dos maiores exemplos catedralícios existentes no reino.

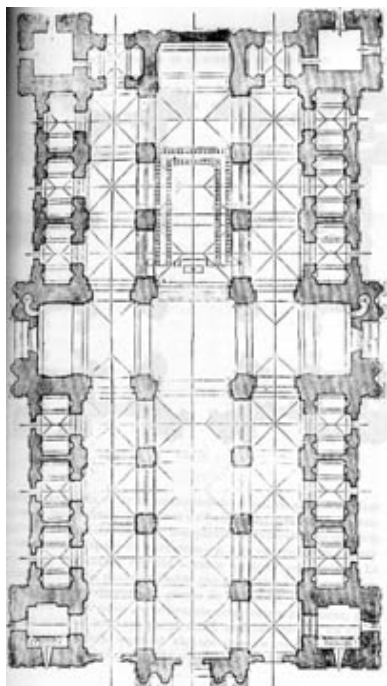
Mas se esta carta se refere ao projecto levado por Torralva, também pode levantar pistas sobre a visão do monarca para o que sairia dos ateliers da corte em 1552 devido à interessante sugestão referente à cidade de Salamanca, que poderá ter sido anotada, mas não no sentido que o bispo pretendia. D. Turíbio Lopes pede ao rei que atente na obra que servia em Salamanca, ou seja, a catedral românica¹⁶¹. No entanto, é bem provável que a influência para o projecto mirandês tenha vindo da obra nova, que se construía desde 1513 e cujo projecto, de Juan de Gil de Hontañón sob a direcção de Rodrigo Gil após a morte de seu pai, poderá ter chegado ao conhecimento dos arquitectos da corte portuguesa.

Note-se que o projecto da nova catedral de Salamanca apresenta os quatros suportes do cruzeiro monumentalizados, tal como os pilares que enquadram o cadeiral mirandense¹⁶², e o desenho de duplo quadrado característico das catedrais espanholas, que se define quando excluídas as capelas laterais ao longo do corpo longitudinal. Para além disso, o desenho da

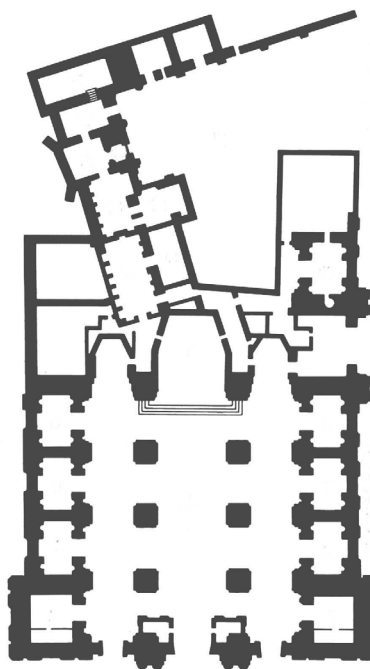
160 VITERBO, Sousa – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa, 1988, Vol. 3, pp. 136-137.

161 Apesar da obra nova estar concluída no seu essencial em 1550, “tardaron diez años más hasta trasladar el culto desde la catedral vieja”, o que só aconteceu a 25 de Março de 1560. CHUECA GOITIA, Fernando – *La catedral nueva de Salamanca: historia documental de su construcción*. Salamanca, 1951, pp. 153-155.

162 Também nas catedrais portuguesas anteriores existem casos em que os quatro pilares do cruzeiro são consideravelmente maiores que os das naves, sendo a Sé de Silves e a da Guarda exemplos disso.



40. Projecto de Herrera para a catedral de Valladolid



41. A construção actual da catedral de Valladolid. No local do projecto onde estaria o transepto constata-se no presente a cabeceira da igreja

catedral de Miranda do Douro, com quatro tramos no corpo, encaixa-se nas suas medidas base (largura da igreja e da nave central, comprimento do transepto à entrada) na planta da catedral de Salamanca, reduzida para quase metade das suas dimensões.

Perante tão evidentes “coincidências”, perante a proximidade geográfica e até o possível conhecimento que D. Turíbio Lopes poderia ter da cidade e projectos castelhanos¹⁶³, parece bastante pertinente afirmar que o *debuxo* que seguiu para obra em Miranda do Douro encontrou o seu modelo em Salamanca.

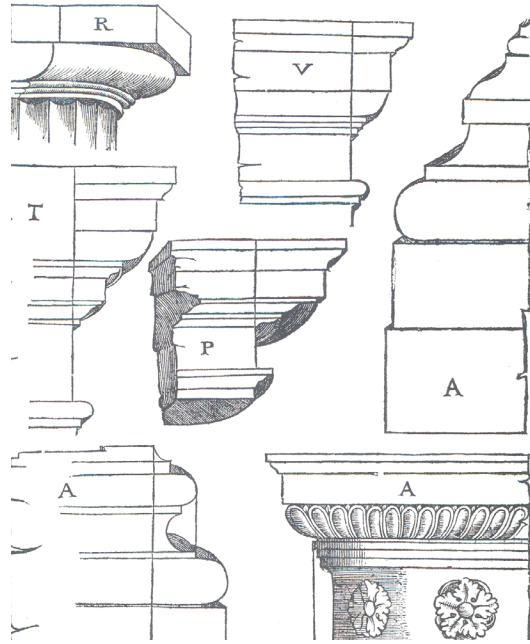
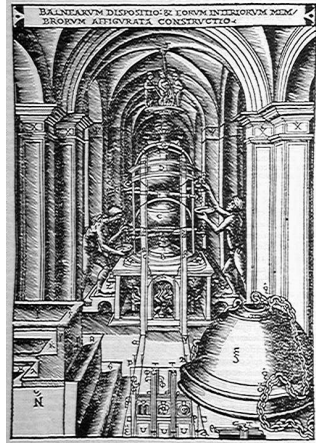
A constatação de que o projecto original era demasiado dispendioso terá sido o motivo do encurtar do edifício, sendo que o espaço projectado para transepto foi convertido na cabeceira actual, um pouco à semelhança do revés que sofreu outro projecto castelhano, o de Herrera, na obra da Catedral de Valhadolid (1589). Aproveitando o estado pouco desenvolvido dos trabalhos, os largos pilares que relacionam a testeira das capelas colaterais com o espaço da capela-mor terão sido interrompidos e as coberturas das capelas colaterais rebaixadas para fazer a distinção possível entre esses compartimentos e a capela entre eles. O espaço do cruzeiro, esse ficou sem nenhuma diferenciação dimensional ou de cobertura, quando comparado com os restantes tramos da nave central.

Esta proposta adequa-se ao ambiente mirandês, permeável às influências castelhanas, e apesar de não representar tão bem em termos de forma uma perspectiva de conjunto dos projectos joaninos, nunca se perde das proporções que os unem (o duplo quadrado e 3:2) segundo os critérios definidos. Uma das possíveis contrariedades prende-se com a definição da muralha antes da ampliação – a área de construção seria significativamente menor, o que faz crer que este plano conjectural não se enquadraria. Não se sabe até que ponto o traçado da muralha seria uma condicionante para um projecto deste género, mas a verdade é que no final do século XVI o espaço intramuros foi consideravelmente aumentado a sul da Sé. Contudo, importa lembrar as cartas do bispo em que se dizia que confrontado com o terreno, o projecto ficava bem ajustado.

Resumindo, pensa-se que o primeiro plano em Miranda do Douro corresponderia a uma influência clara da arquitectura castelhana à época, que depois se terá tentado simplificar, adaptando à tradição portuguesa e às limitações locais. Essas mudanças ter-se-iam traduzido na eliminação das capelas laterais e da espécie de deambulatório que se definia nas catedrais espanholas. Também o mecanismo de segregação espacial se tornou diferente, optando-se pela introdução de coro alto sobre a entrada em detrimento dos coros tipicamente castelhanos,

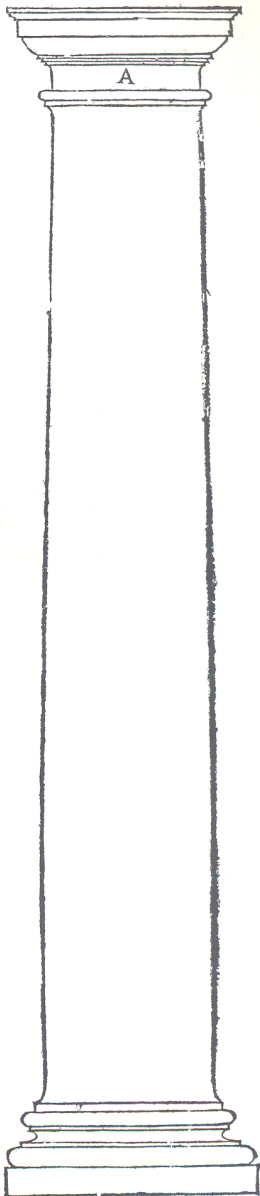
¹⁶³ A propósito recorde-se que o prelado teve várias reuniões com os arquitectos da corte e Miguel de Arruda, podendo ter transmitido o que conhecia da realidade das catedrais espanholas.

42. Cesariano, Como, 1521
"Folha LXXXVIIv"



43. (à direita) Vários elementos de remate. Serlio, Livro IV, Folha 17
"Of the Dorica"

44. (à esquerda) Folha 8, "Of Geometrie". Suporte desenhado por Serlio, muito semelhante na base e capitel aos de Leiria e Portalegre



45. Capitel e base do pilar da Sé de Leiria



46. Capitel e base do pilar da Sé de Portalegre



47. Capitel e base do pilar da Sé de Miranda do Douro

situados a meio da igreja. No entanto, mesmo estas alterações não foram bem conseguidas, e, possivelmente por motivos económicos, a obra terá sofrido nova contrariedade que levou ao actual aspecto compacto das suas formas.

4.4 - Tratadística

As Sés Joaninas assumem-se como obras originais mas, como já se viu, é possível constatar a presença de várias influências distintas (desde tardo-góticas a renascentistas) numa elaboração austera e de grande depuração formal. A influência da tratadística é importante nesta concepção, contribuindo para o rigor compositivo geral.

Com efeito, no século XVI, no âmbito da política cultural do reinado joanino, promoveu-se a divulgação dos tratados teóricos. Em 1541, é publicada a edição portuguesa de *Medidas del Romano* (com edição original em Toledo, 1526), de Diego Sagredo que obteve grande sucesso na Península Ibérica, principalmente porque tornava mais acessíveis os ensinamentos de Vitruvius e Alberti. Destes últimos, D. Luís (1506-1555), irmão de D. João III, encarregou das traduções Pedro Nunes (*De architectura*), em 1541, e André de Resende (*De re aedificatoria*), em 1553¹⁶⁴. É ainda possível que, por volta da década de 1540, tenha entrado na corte nacional algum exemplar da versão ilustrada dos escritos de Vitruvius, feita por Cesare Cesariano, que já circulava em Itália desde 1521¹⁶⁵.

No entanto, é com o tratado de Serlio e a chegada ao reino de artistas e mestres estrangeiros, tais como Diogo de Torralva, que se dá a verdadeira consciencialização das ordens arquitectónicas por parte dos mestres portugueses. Os tratados de Serlio são publicados em Itália, sistematizando o conhecimento dos cânones clássicos, e introduzidos em Portugal por Francisco de Hollanda que, em 1540, terá trazido a D. João III um exemplar da primeira edição do Livro III – “Le antichità di Roma”¹⁶⁶. A importância serliana está também associada ao “estabelecimento de séries morfológicas de capitéis” e ao “reconhecimento dos sistemas de proporções”¹⁶⁷.

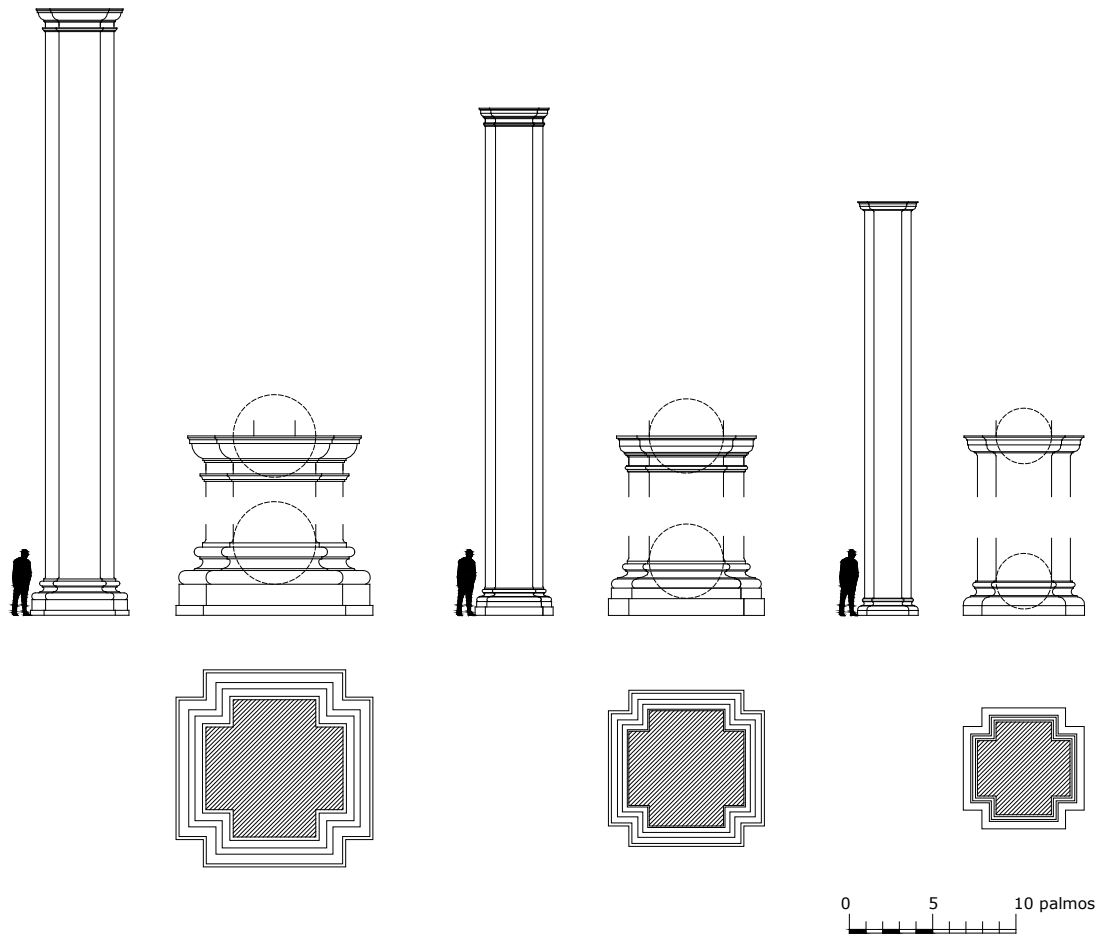
As novas Sés, contemporâneas destes acontecimentos, apresentam pois evidentes

164 RUÃO, Carlos – *O Eupalinos Moderno: teoria e prática da arquitectura religiosa em Portugal: 1550-1640*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006, Vol. I, p. 170-171.

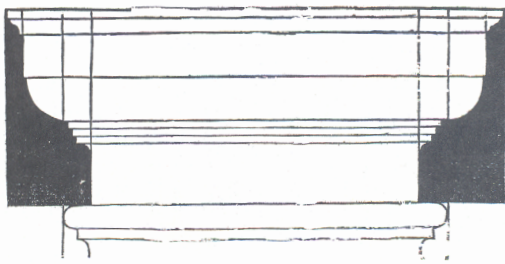
165 Sobre Cesariano, Rui Lobo diz que a gravura da “Folha LXXXVIIv” do seu tratado é uma “possível referência ulterior para a definição do espaço interno das três catedrais”, muito provavelmente devido à representação de suportes de tipo clássico articulados com abóbadas, neste caso, de aresta simples. LOBO, Rui – *Santa Cruz e a rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra, 2006, p. 173.

166 MOREIRA, Rafael – “Arquitectura: Renascimento e Classicismo, a Resistência Nacional e o Problema do Estilo Chão”. In PEREIRA, Paulo, ed. – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa, 1995, Vol II, p. 351.

167 CORREIA, José Eduardo Horta – *Arquitectura portuguesa: renascimento, maneirismo, estilo chão*. Lisboa, 1991, p. 34.



48. Desenhos comparativos dos pilares, bases e capitéis por ordem decrescente de grandeza - (Leiria, Portalegre e Miranda) (escalas 1/100 e 1/200)



49. Capitel dórico, segundo Serlio. Livro IV, Folha 16

PILARES DAS CATEDRAIS JOANINAS			
Dimensões	Sé de Leiria	Sé de Portalegre	Sé de Miranda
Largura da nave central	48p	40,5p	33,3p
Altura até aos capitéis	72p	60p	50p
Largura das pilastras	5p	4,5p	3,3p
Relação altura/ largura da pilastra	8	8	8 - 8,5



50.a) Pilar do claustro do Espírito Santo, Coimbra
 Comparação com os capitéis da Sé de Leiria (imagem 50.b) e de Portalegre (imagem 50.c)

aspectos decorrentes do conhecimento e compreensão destes estudos. Para mais, D. João III era um homem culto e conhecedor, estando directamente envolvido nos projectos. Segundo Carlos Ruão, “essencialmente a arquitectura régia utilizou com rigor o Dórico, muitas vezes dispensando os fustes canelados, portanto conferindo-lhe um aspecto «pseudo-toscano»”¹⁶⁸

Os templos de Leiria e Portalegre são provavelmente os que apresentam uma relação mais clara no que respeita ao desenho dos suportes. Os capitéis enquadram-se na ordem dórica ilustrada no tratado, enquanto as bases se aproximam do modelo estandardizado da base ática, possível de ser aplicado às várias ordens.

Os suportes da Sé de Miranda do Douro são relativamente simplificados. A diferença mais visível reside no facto dos capitéis mirandeses se encontrarem desprovidos de gola, contrariamente aos de outras duas catedrais¹⁶⁹. Estas apresentam ainda bases muito iguais em desenho e proporção, assistindo-se a uma duplicação do “plinto”, não constatada no caso transmontano.

Para além destes aspectos de desenho, verificam-se as diferentes escalas dos pilares e dos próprios elementos que compõem as bases e capitéis, decrescendo a sua grandeza da catedral de Leiria (72 palmos) para a de Miranda do Douro (50 palmos).

O modelo de pilar já havia sido usado anteriormente no claustro do Colégio do Espírito Santo, em Coimbra. Segundo Rui Lobo, “os pilares das sés não são mais do que a ampliação monumental da solução exemplar encontrada para os pilares angulares do claustro conimbricense [do Espírito Santo]”¹⁷⁰. Esta semelhança leva a crer, de acordo com a mesma opinião, que a autoria de ambas as obras será de Miguel de Arruda.

Outro aspecto curioso é a potencialidade de “idealização de espaços de grande amplitude (em área e em altura)”, presente na estrutura utilitária do refeitório do colégio das Artes e concretizada no espaço salão das sés joaninas¹⁷¹. A repetição dos robustos pilares cruciformes é acompanhada pela substituição dos capitéis jónicos pelos representativos da ordem dórica referente a Serlio. No quadro da Sé leiriense, a afinidade é reforçada pelo facto de se presumir que tanto Frei Brás de Barros, primeiro bispo da diocese, como Miguel de Arruda, tinham conhecimento do projecto do Colégio das Artes.

168 RUÃO, Carlos – *O Eupalinos Moderno: teoria e prática da arquitectura religiosa em Portugal: 1550-1640*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006, Vol. I, p. 191-192.

169 Com efeito, os capitéis dos pilares da Sé de Miranda do Douro parecem estar mais próximos do desenho definido por Diego de Sagredo (1541) para o capitel dórico.

170 LOBO, Rui – *Santa Cruz e a rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra, 2006, p. 154.

171 *Ibidem*, p. 171.



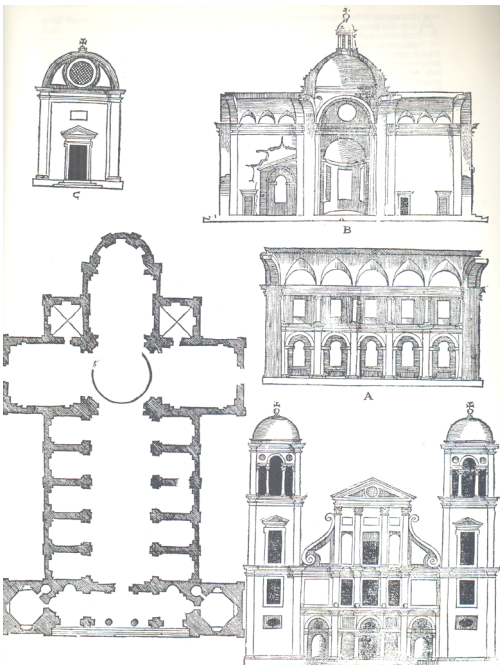
51. Interior da Sé de Portalegre, junto ao coro alto. As várias ordens de grandeza das pilastras.



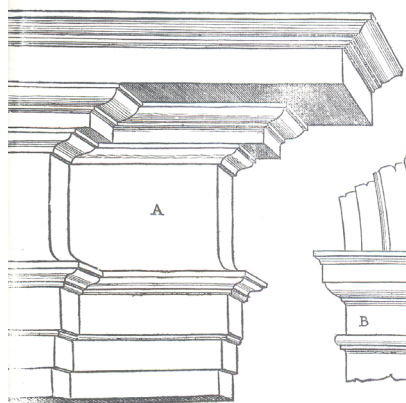
52. Imagem da parte superior do pilar que relaciona o espaço das naves com o das capelas laterais, em Portalegre.



53. Interior da Sé de Leiria. Pilastra das paredes laterais.



54. Serlio, Livro V, Folha 15. Exemplo de projecto para templo com a aplicação de cúpula no cruzeiro e capelas laterais ao longo do corpo



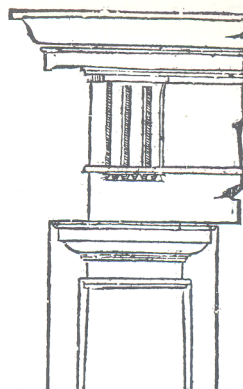
55. Desenho do III livro de Serlio. Folha 67



56. Pormenor do capitel dos cunhais das torres em Portalegre, num desenho semelhante ao da figura de Serlio.



57. Pormenor do capitel no arco triunfal da capela-mor da Sé leiriense



58. Serlio, Livro IV, Folha 17 "Of the Dorica"

No caso transmontano, na fachada totalmente pétreia sobressai a delicadeza da composição retabular que enquadra a entrada, possivelmente também de influência serliana, e também em Portalegre, como já se viu no capítulo deste trabalho destinado à respectiva sé, a relação com a tratadística é evidente na fachada que terá sido elaborada com base num modelo de Serlio.

Para além disso, a cúpula de caixotões sobre o cruzeiro da catedral alentejana, das primeiras construídas em Portugal e a primeira a coroar o espaço central de uma sé, é uma característica de alguns projectos de Serlio para os templos, tal como também são as capelas laterais dispostas ao longo do corpo da igreja. A Sé de Portalegre é o primeiro exemplo nacional de três naves com capelas laterais, reproduzido posteriormente em Goa.

Nas novas sés, o arco de volta inteira substitui o arco apontado obrigando ao rebaixamento do perfil da abóbada de influência gótica e caracterizando a cobertura com uma expressividade que a abóbada de berço simples não demonstrava.

Nas catedrais de Leiria e Miranda do Douro, conferindo valor hierárquico ao espaço do arco triunfal, ensaiou-se um maior desenho dos pilares, essencialmente nos capitéis, algo que não se passa na Sé restante, em que se repetem exactamente os elementos das naves. Em Leiria, o esforço vai mais longe, desenvolvendo-se um friso que abarca a capela-mor e que com a abóbada de berço e caixotões¹⁷² estabelece um conjunto de sabor renascentista.

O espaço exterior referente a cada uma das catedrais também não terá sido alheio à influência de Serlio, “o qual recomendava que todos os edifícios importantes tivessem um adro ou praça proporcionais à dimensão daqueles”¹⁷³. Para além disso, verifica-se ainda que as suas fachadas orientavam-se para a principal zona das cidades, tal como Paladio aconselharia mais tarde, em 1570¹⁷⁴, no caso alentejano contrariando mesmo o sentido da antiga rua direita ao voltar-se para a praça do município.

Em todas as Sés comprova-se a funcionalidade e o pragmatismo de uma arquitectura episcopal, que responde na conturbada época do concílio tridentino, aos aspectos do culto para grandes assembleias. Dada a depuração e austeridade gerais, quase que se pode falar de um “minimalismo formal”, consequência provavelmente das ligações do seu autor à arquitectura militar.

172 Segundo Rafael Moreira, a primeira abóbada de berço com caixotões em território nacional aparece na capela-mor do Mosteiro de S. Marcos (1523-1524). MOREIRA, Rafael – *A arquitectura do renascimento no sul de Portugal: a encomenda régia entre o moderno e o romano*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991, p. 276.

173 Segundo CARREIRA, Adélia Maria Caldas – *Leiria, cidade episcopal: o urbanismo leiriense do séc. XVI ao séc. XVIII*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1989, dissertação de mestrado, Vol. 1, p 96 .

174 RODRIGUES, Luís Alexandre – *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, Vol. 1, p. 201.



59. Convento da Graça em Évora.



60. Forte de S. Julião da Barra, imagem de um dos baluartes.



61. Forte de S. Julião da Barra, imagem do interior da cisterna

4.5 - Autoria

A autoria das catedrais joaninas necessita ainda de documentação específica para ser esclarecida, mas tratando-se de um conjunto de iniciativa régia, pressupõe-se que os três projectos tenham sido traçados na corte quase em simultâneo, dada a proximidade das datas do começo das obras – todas na década de 50. Além disso, os mesmos princípios gerais de concepção indicam o sentido de uma única autoria para as plantas catedralícias, responsabilidade que terá sido delegada por D. João III em Miguel de Arruda que era filho de Francisco de Arruda, o arquitecto da Torre de Belém.

No entanto, a cada um dos templos surgem associados diferentes nomes, como o que se passa em Leiria. Já se falou da importante carta de Frei Brás de Barros ao monarca, em 1551, dando conta da chegada de Afonso Álvares (act. 1550-1575), discípulo e genro de Miguel de Arruda¹⁷⁵, com o plano da Sé que terá explicado ao bispo e confrontado com o terreno. No entanto, cingindo-nos aos factos apresentados, isso não significa que tenha sido o próprio a fazer o *debuxo*, até porque não são conhecidas outras bases documentais implicando o seu nome. Apesar disso, autores como Kubler assumiram como certa a sua responsabilidade na criação. Em situação idêntica relativamente à catedral de Miranda surge o nome de Gonçalo de Torralva, provavelmente irmão de Diogo de Torralva - mestre também ligado à família Arruda¹⁷⁶.

A nosso ver, e partindo do princípio que Afonso Álvares iniciou a sua actividade em 1550, parece pouco provável que D. João III tenha colocado directamente nas suas mãos (inexperientes) um projecto de tamanha responsabilidade, ainda para mais, a decorrer o Concílio de Trento e com arquitectos mais qualificados ao dispor. As novas catedrais eram assuntos demasiado sérios, estavam em causa não só a competência régia como a imagem da Igreja, que pretendia reconverter os fiéis perdidos, assumindo-se através das novas dioceses um espírito de “colonização interna”, de missão e conversão.

O único nome que, à data dos projectos, surge com capacidades, poder e experiência suficiente é pois o de Miguel de Arruda (1500?-1563), arquitecto de percurso completo e com práticas distintas, que lhe conferiram bastante versatilidade. Fez a viragem desde as experiências do primeiro renascimento português, onde começou a trabalhar, até ao estilo-

175 VITERBO, Sousa, *Op. cit.*, Vol. 3, p. 218.

176 VITERBO, Sousa, *Op. cit.*, Vol. 3, pp. 134 e sgs.

Gonçalo de Torralva, segundo Sousa Viterbo, foi muito provavelmente o irmão mais novo de Diogo de Torralva, arquitecto casado com a irmã de Miguel de Arruda. Presume-se que tanto os Arruda como os Torralva frequentariam os mesmos círculos, sendo possível que trabalhassem em várias obras juntos.



62. Fachada da igreja de Santo Antão de Évora



63. Interior da igreja de Santo Antão de Évora

chão mais puro e duro¹⁷⁷. Pelo meio ganhou notoriedade a trabalhar em fortalezas, sendo muito elogiado por Benedetto de Ravena, engenheiro italiano com quem se cruzou em Ceuta (1541), que salienta o seu empenho e atitude profissional¹⁷⁸. A Arruda é atribuído o projecto de S. Julião da Barra (1559), um dos fortes portugueses mais modernos, de acordo com a tratadística mais italiana. Só conhecendo a sua carreira, inicialmente na experiência renascentista e depois como arquitecto militar, é que se explica a evolução para a arquitectura mais despojada das sés.

Sobre Arruda, Rafael Moreira afirma mesmo que, sendo o mais talentoso e reconhecido arquitecto português da época, detentor do título de “*Mestre das obras da fortificação do Reino, Lugares d’Além e Índia*”, criado pelo monarca para si em 1548-1549 e que lhe assegurava o controlo de todas as obras oficiais (militares, civis e religiosas), “não repugna – antes, é forçoso – atribuir-lhe a execução dos projectos para as sés das três dioceses criadas por D. João III”¹⁷⁹.

O mesmo autor referencia a “responsabilidade didáctica e de organização de trabalho profissional” incumbida ao arquitecto régio, que se valia de discípulos para o ajudarem nessa tarefa. É neste rol que são mencionados Afonso Álvares, seu genro, e Jorge Gomes, que orientou o estaleiro mirandês.

Para além da convergência de situações para a personalidade arrudiana, e do poder que esta detinha, existem também alguns aspectos de desenho que motivam esta hipótese da autoria das Sés Joaninas. Se por um lado se verificam em todas questões de influência da arquitectura militar, tais como os contrafortes/pilastras e o pragmatismo, funcionalidade e rigor dos projectos, por outro existem factores como a erudição do portal de composição retabular da fachada de Miranda, o ar palaciano da Sé portalegrense que recorda Xabregas ou mesmo a sua “rara cúpula de caixotões (como na torre-camarim da Graça de Évora, dos anos 30)”¹⁸⁰.

Obra comprovadamente sua é a Misericórdia de Santarém, havendo fortes indícios de que também terá projectado Santo Antão de Évora (1557). A paroquial alentejana apresenta semelhanças com a Sé de Portalegre, visíveis na caracterização da fachada e na planta de semelhantes proporções, com capelas laterais que permitem a entrada de luz para as naves.

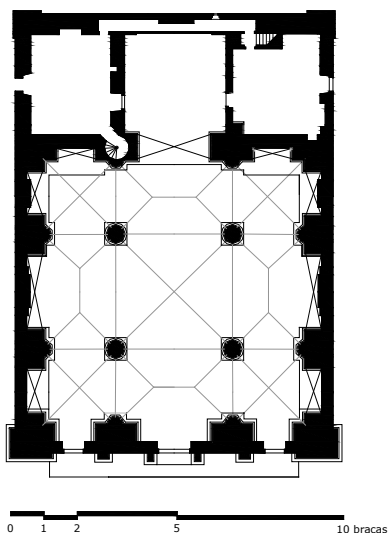
O templo de Santo Antão integra o conjunto tipológico das “igrejas colunárias”, igrejas de espaço salão mas que se diferenciam das sés pela substituição dos robustos pilares

177 “Desde a colaboração juvenil com Chanterêne no Convento da Graça em Évora deve ter-se instalado nele a aversão pelo clássico, que não compreendia como valor absoluto”. MOREIRA, Rafael – “Arquitectura: Renascimento e Classicismo, a Resistência Nacional e o Problema do Estilo Chão”. In PEREIRA, Paulo, ed. – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa, 1995, Vol. II, pp. 356-357.

178 VITERBO, Sousa, *Op. cit.*, Vol. 1, pp. 67-68.

179 MOREIRA, Rafael – *Op. cit.*, p. 356.

180 *Ibidem*, p. 357.



64. Planta da igreja de Santa Maria do Castelo, Estremoz (1559)



65. Abóbada em Santa Maria do Castelo, Estremoz



66. Fachada da Igreja de Santa Maria do Castelo de Estremoz. Os cunhais da igreja alentejana são ainda mais largos que os da catedral de Leiria. Tal dimensão vem do interior, e é correspondente à profundidade dos retábulos nas paredes laterais. Em Leiria, as paredes são completamente despidas de ornamentos ou ocupações, como tal o cunhal da fachada tem menor largura.



67. Espaço interior da igreja de Estremoz

cruciformes por colunas renascentistas, com a definição de capitéis jónicos, no espaço interno. São projectos de notável desenho e economia de meios, que se desenvolveram sobretudo no Alentejo, nas quais se podem enquadrar ainda a Igreja da Luz de Tavira, Olivença, Monsaraz e Santa Maria do Castelo em Estremoz.

A igreja de Santa Maria de Estremoz (1559), de Pêro Gomes¹⁸¹, que se apresenta como uma caixa encerrada plena de harmonia – a planta da igreja assenta num quadrado cuja medida da diagonal rebatida define a profundidade da cabeceira –, prova que a questão chã e a simplicidade das obras é uma opção ideológica e não se deve a incapacidade dos arquitectos nacionais.

Se em planta o templo se coloca na duplicidade entre igreja colunária e igreja renascentista centralizada, o alçado, supostamente inacabado, é marcado pela correspondência ao espaço interior e pelos pesados cunhais, manifestando-se pertencente à vaga chã. A igreja permanece na actualidade sem remate acima da cimalha. A dificuldade de remate, que parece ter também existido em Santo Antão, uma vez que os elementos mais altos do frontispício mostram ter sido construídos posteriormente, desvincula-se da independência das fachadas renascentistas. Com os pesados cunhais/contrafortes e sem torres, a imagem geral da igreja de Santa Maria de Estremoz é muito semelhante à da Sé de Leiria.

Por esta sequência de construções colunárias é também relevante lembrar a importância dos projectos catedralícios no despoletar da arquitectura religiosa de menor escala. Como imagem máxima da diocese, as Sés terão influenciado as restantes construções, indicando o modelo a seguir.

Assim, e no seguimento das questões levantadas por Pais da Silva¹⁸² sobre a caracterização da arquitectura nacional quando confrontada com as construções episcopais, parece justificar-se que a primeira é confirmada pela arquitectura das Sés joaninas, principalmente nos aspectos referentes a uma “composição volumétrica de massas simples e nítidas”, à “leitura exterior da organização interna” e à “tendência para a unificação”.

181 Rafael Moreira afirma que Pêro Gomes, *mestre e empreiteiro*, terá construído a igreja de Santa Maria do Castelo de Estremoz, “onde residiu e trabalhou desde Abril de 1559 até Maio de 1562”. O autor constata ainda a proximidade entre a planta da matriz alentejana e a planta da Sala dos Reis, em Alcobaça: “É um quadrado inscrito num rectângulo áureo com quatro colunas centrais, e encontramos a mesma planta repetida em Alcobaça numa até agora desconhecida «hallekirche», que a nosso ver não poderá deixar de ser atribuída ao mesmo arquitecto-empiteiro”.

Pêro Gomes, homem de confiança do cardeal D. Henrique, terá sido “colaborador ou discípulo de Miguel de Arruda”, sendo que de algum modo é possível supor a influência do último nas suas obras do primeiro.

MOREIRA, Rafael – “A encomenda artística em Alcobaça no século XVI”. In *Arte Sacra nos antigos coutos de Alcobaça*, Lisboa, 1995, p. 50 e 51.

182 SILVA, Jorge Henriques Pais da – *Páginas de história da arte*. 2.^a ed, Lisboa, 1993, Vol. 1, p. 241.